

# **UFRB**

Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

**VERA LÚCIA OLIVEIRA DA ROCHA**

**A PRAÇA DE SÃO PEDRO EM MURITIBA/BA:  
UM ESTUDO ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO DE PÚBLICO**

Cachoeira  
2012

**VERA LÚCIA OLIVEIRA DA ROCHA**

**A PRAÇA DE SÃO PEDRO EM MURITIBA/BA:  
UM ESTUDO ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO DE PÚBLICO**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em Museologia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Ms. Cristina Ferreira Santos de Souza

Cachoeira  
2012

## AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para realização deste trabalho.

Aos meus pais, Eunice e Mario, pelo amor incondicional.

Aos meus filhos do coração, Bárbara e Theo, por entenderem a importância dessa experiência para mim.

A toda a minha família, pelo carinho e incentivo; ao meu irmão, Mario, que me acompanhou nos primeiros passos, quando eu ainda não me aventurava nas estradas; à minha tia Sofia, por ter me acolhido, quando me mudei para a Região; e à minha sobrinha Cristiane Melo, que me ajudou no contato com os entrevistados.

Aos meus colaboradores, Kátia, Edilson, Jurandir, Maria José, Antonio e Jhonsthon, por me darem o suporte necessário para vencer a jornada.

À minha turma do Curso de Museologia, especialmente aos meus colegas, Sura (“minha filha adotiva”), Laerte, Camila, Crislane, Idaiane, Pedro, Edilton e Adroaldo, pela amizade e companheirismo, tornando mais alegre a caminhada.

À minha orientadora, Prof. Ms Cristina Ferreira, pela contribuição, incentivo e confiança, que me estimularam a concluir, a tempo, este trabalho.

Ao Prof.Dr. Ricardo Brugger e à Prof. Ms Suzane Pinho, os quais me cederam os principais livros necessários à fundamentação da minha pesquisa.

À minha supervisora de estágio, Prof.Ms Patrícia Verônica, pela oportunidade para a conclusão do curso.

A todos os professores que ministraram disciplinas no Curso de Museologia, que colaboraram, com seus conhecimentos, para minha formação, em especial, a Prof.Dra Salete Nery, Prof. Dr. Walter Fraga, Prof.Ms Camila Santiago, Prof.Ms Ana Cristina Audebert, Prof.Ms Archimedes Amazonas, Prof.Ms Carlos Costa, Prof.Ms Rita Dória, Prof.Ms Rita Salvador, Prof.Ms Leandro Almeida, Prof.Ms Fabrício Lírio, o meu carinho.

A todos os funcionários do Centro de Artes Humanidades e Letras, em especial, Alex, Diladinho e Marco Antonio, pela atenção com que sempre me trataram.

Ao Arquivo Público de São Felix, na pessoa do Sr. Oseas Souza e demais funcionários, pela consciência da missão e pelo entusiasmo com que disponibilizam o acervo para pesquisa.

Ao Pe José Oliveira; aos Professores - Paulo José, Amábíla, Antonia, Ana Maria; às Sras Lícia e Miguelita; aos representantes do Poder Público de Muritiba, e à toda comunidade muritibana, pela colaboração.

Agradáveis lembranças de viagens são parte integrante de nossos mais belos sonhos. Ante o nosso olhar espiritual deslizam praças, monumentos, imagens urbanas adoráveis e belas paisagens, e fruimos novamente o prazer de se demorar junto a tudo aquilo de gracioso e sublime que, outrora, nos fizera tão felizes.

Camillo Sitte, 1992

## RESUMO

O presente trabalho, intitulado “A Praça de São Pedro em Muritiba: um estudo através da avaliação de público”, buscou, através dos princípios que norteiam a comunicação museológica e a avaliação de público, analisar a relação do público usuário da Praça de São Pedro, conhecendo seu perfil, identificando as atividades praticadas por esses usuários no referido espaço público, averiguando as suas expectativas com relação a esses bens culturais, e sua relevância social e cultural para a comunidade muritibana, além de colaborar para a divulgação e preservação da Praça. Para fundamentar o presente estudo, foi feita uma revisão bibliográfica sobre a definição histórica e semiótica das praças públicas, estabelecendo a sua relação com a Museologia, e conceituando-as como patrimônio cultural, local de memória e cidadania. Também foi realizada uma pesquisa de campo, para trazer a voz da comunidade usuária da Praça de São Pedro, através da aplicação de entrevistas e questionários aos diversos atores envolvidos na relação com a Praça, com a análise quantitativa e qualitativa dos dados colhidos.

**Palavras – chave:** Avaliação de Público, Praça, usuário, cidadania.

## **ABSTRACT**

This work, entitled "The St. Peter's Square of Muritiba: a study by evaluating the public," sought, through the principles that guide the communication and evaluation of public museum, analyze the relationship between public users of St. Peter's Square, knowing your profile, identifying the activities performed by these users in that public space, checking the their expectations regarding these cultural assets, and its social and cultural relevance to the community muritibana, and contribute to the dissemination and preservation of the Square. In support of this study, we performed a literature review on the historical definition and semiotics of the street, establishing its relationship with the Museum Studies, and conceptualizing them as cultural heritage, local memory and citizenship. Was also carried out field research, to bring the voice of the user community of St. Peter's Square, through the application of questionnaires and interviews with various stakeholders in relation to the Square, with the quantitative and qualitative analysis of data collected.

**Keywords - Keywords:** Evaluation of Public Square, user, citizenship.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 Praça de São Pedro de Muritiba 2008 .....	23
Figura 02 Placa de inauguração da Praça de São Pedro .....	23
Figura 03 Imagem do Cruzeiro .....	24
Figura 04 Pátio da Praça de São Pedro .....	24
Figura 05 Parque infantil da Praça de São Pedro .....	24
Figura06 Imagem do entorno .....	25
Figura 07 Praça de São Pedro na gestão atual durante o dia .....	25
Figura08 Praça de São Pedro na gestão atual durante a noite .....	25
Figura 09 Largo da Matriz .....	44
Figura 10 Desfile no Largo da Matriz.....	44
Figura 11 Calçamento no Largo da Matriz.....	45
Figura12 Detalhe da Praça de São Pedro antes da reforma de 2005.....	45
Figura 13 Aspecto da Praça de São Pedro após a reforma de 2005 .....	46
Figura 14 Uma das pérgulas da Praça de São Pedro.....	47
Figura 15 Ausência das árvores antigas.....	47
Figura 16 Árvores plantadas pela família de Amábília Oliveira .....	48
Figura 17 Árvores plantadas pela família de Antônia Albergaria e vizinhos.....	48
Figura 18 Estado atual da Praça de São Pedro.....	49
Figura 19 Vinte e cinco anos de sacerdócio do Pároco José de Oliveira na Praça de São Pedro .....	50
Figura 20 Crisma na Praça de São Pedro .....	50
Figura 21 Detalhe do parque infantil na atualidade .....	51
Figura 22 Desfile escolar na Praça de São Pedro .....	51
Figura 23 Encontro de motociclistas.....	52
Figura 24 Estado atual da Praça de São Pedro.....	52
Figura 25 Celebração religiosa na Praça de São Pedro .....	53
Figura 26 Detalhe de celebração religiosa na Praça de São Pedro .....	54
Figura 27 Primeira comunhão na Praça de São Pedro.....	54
Figura 28 O cruzeiro da Praça de São Pedro .....	55

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CONDER Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

S.D sem data



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. PRAÇAS PÚBLICAS – DEFINIÇÃO HISTÓRICA E SEMIÓTICA DAS PRAÇAS</b> ....	13
1.1. A CIDADE DE MURITIBA.....	21
1.2. A PRAÇA DE SÃO PEDRO DE MURITIBA .....	23
<b>2. QUADRO TEÓRICO: ESTUDO DA PRAÇA DE SÃO PEDRO EM MURITIBA ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO DE PÚBLICO</b> .....	26
2.1. MEMÓRIA E MUSEOLOGIA .....	29
2.2. AVALIAÇÃO DE PÚBLICO.....	31
2.3. METODOLOGIA.....	35
2.3.1. Objeto de Estudo.....	35
2.3.2. Tipo de Pesquisa .....	35
<b>3. RESULTADOS DA PESQUISA</b> .....	37
3.1. ANÁLISE DO RESULTADO DA PESQUISA EM ARQUIVOS E BIBLIOTECA .....	37
3.2. ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS QUESTIONÁRIOS DOS USUÁRIOS .....	37
3.3. ANÁLISE QUALITATIVA DAS ENTREVISTAS .....	43
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	59
<b>APÊNDICES</b> .....	62
<b>ANEXOS</b> .....	64

## INTRODUÇÃO

No início do ano de 2008, quando me transferi para a Região do Recôncavo, para cursar Museologia, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, escolhi a Cidade de Muritiba para residir, em virtude das suas inúmeras praças públicas, com as quais sempre tive uma relação afetiva. Para mim, tal como Pausânias, citado por Camillo Sitte (1992, p.22) não há cidade sem praças públicas. Logo no primeiro semestre, ao cursar a disciplina Teoria Museológica, descobri a relação entre as praças públicas, que tanto gosto, com a nova carreira que abraçava.

As praças públicas têm um acervo, constituído por seu patrimônio natural e equipamentos. Tem um público, isto é, uma comunidade que, na sua relação com a praça, interage com seu ambiente e natureza e também se expressa através dos seus modos de vida, saberes e celebrações, manifestando a sua identidade, apropriando-se e atribuindo qualidade ao espaço e constituindo o território. As praças equiparam-se, assim, a instituições museais, portanto passíveis de ações museológicas – pesquisa, documentação, comunicação e avaliação.

As operações museológicas, conforme Cristina Bruno (2004, p.4) devem consolidar bases de pesquisa para produção de conhecimento novo, organização de estudos técnicos e valorização de saberes populares. No enquadramento dos bens patrimoniais, a pesquisa permite identificar e compreender o comportamento individual e/ou coletivo do Homem, ao longo do tempo, frente ao seu patrimônio. Daí, surgem os processos que possibilitam, a partir dessa relação, que o patrimônio seja transformado em herança, contribuindo, assim, para a construção das identidades.

A avaliação, conforme Teixeira Coelho (2004, p.64), é pertinente nas políticas culturais e nas políticas públicas em geral, conseqüentemente também nas instituições museais, como exigência decorrente de uma consciência mais aguda de cidadania. Em museus ou instituições museológicas, segundo Adriana Mortara de Almeida (2005 p.32-33), o estudo ou avaliação de público, através da observação, entrevistas, questionários, depoimentos e conversas, traz a voz do visitante e esse estudo busca o aperfeiçoamento do processo comunicacional.

A importância de estudar as praças públicas está no fato de que constituem patrimônios históricos e culturais das cidades, lugares de memória e de exercício de cidadania. Como são portadoras de informação e consideradas testemunho da

história de uma sociedade pelo valor que lhe são atribuídas, merecem proteção e preservação para as futuras gerações.

A cidade de Muritiba tem oito praças públicas, além de rotatórias e canteiros ajardinados. As praças muritibanas, conforme Cristiane Silva Marques (2010, p. 42; 45) foram eleitas, pela sua comunidade, como monumentos da Cidade. Monumento entendido, pela mesma comunidade, como “uma peça importante e representativa da história da Cidade”.

Para a realização deste estudo, foi escolhida a Praça de São Pedro, por sua importância histórica na origem da Cidade de Muritiba, e também ser resultante de um projeto contemporâneo, que a dotou de equipamentos e paisagismo.

Os objetivos do presente trabalho foram: conhecer o perfil dos usuários da Praça de São Pedro, identificar as atividades nela praticadas por esses usuários, averiguando suas expectativas em relação a esses bens culturais, a relevância social e cultural para a comunidade, além de colaborar para a divulgação e preservação da Praça.

A metodologia utilizada foi a pesquisa em bibliotecas e arquivos públicos, que, como fonte primária, permite a investigação sobre o histórico da Praça de São Pedro através de documentos; entrevistas com funcionários ocupantes de funções públicas vinculadas às obras e à urbanização da Cidade, representantes de entidades, pessoas representativas da comunidade e aplicação de questionários ao público usuário, os quais permitem uma abordagem direta à pessoas da comunidade e usuários da Praça, para conhecimento do seu perfil, sua relação com esse bem público, seus conhecimentos prévios, seus desejos e suas necessidades.

Para uma melhor compreensão, este trabalho foi dividido em 3 capítulos e considerações finais: no primeiro capítulo, denominado Praças Públicas – definição histórica e semiótica das praças, foi feita uma explanação histórica e uma discussão teórica, com importantes autores, sobre o objeto de estudo. Também foi feita uma explanação sobre a localização, breve histórico e outros dados da Cidade de Muritiba e a apresentação da Praça de São Pedro; o segundo capítulo, denominado Quadro Teórico: estudo da Praça de São Pedro através da Avaliação de Público, no qual foi feita a discussão teórica sobre a Praça de São Pedro como patrimônio histórico e cultural da Cidade de Muritiba, portadora de centralidade e lugar de memória. A relação da memória e a Museologia e a Avaliação de Público, buscando identificar o porquê, o que avaliar, a quem avaliar e como avaliar. Ainda a

metodologia, com a delimitação espacial e temporal, os instrumentos e o público alvo da pesquisa; no terceiro capítulo, denominado Resultados da Pesquisa, foi feita a análise quantitativa e qualitativa dos questionários e a análise qualitativa das entrevistas.

## 1. PRAÇAS PÚBLICAS – DEFINIÇÃO HISTÓRICA E SEMIÓTICA DAS PRAÇAS

O termo praça vem do latim *platea*, significando rua larga, local para reuniões públicas, e de *plattus*, que significa liso, sem relevo, largo e achatado (FARIA, 1962); a praça é equivalente ao ágora grego, que significa espaço aberto, local de assembleia. (Ferreira, 2009). Camillo Sitte (1992, p.47), afirma que “é designado por praça qualquer espaço vazio entre quatro ruas”. Mas ele também afirma que “do ponto de vista artístico, um terreno vazio não é uma praça”. Entretanto, pode-se verificar que, de acordo com as origens deste espaço urbano que caracteriza uma cidade como tal, as praças surgiram sem um estilo artístico, mas apenas para cumprir sua missão de aglutinar indivíduos.

A mais remota noção de praça surgiu nas aldeias primitivas, quando todos se reuniam à sombra de alguma árvore ou ao redor de uma grande pedra. Com a revolução agrícola, a domesticação de animais, introdução da cultura do arado e da irrigação, surgiu a figura do mercado para regular a troca do excedente produzido, cuja forma clássica era a praça aberta. Segundo Lewis Mumford (2008, p.21), a casa, o oratório, o poço, via pública, ágora, já existentes na aldeia, seriam a estrutura embrionária das cidades que viriam a surgir, isto nos fins do período neolítico e princípios do período histórico.

Segundo Alex Kenya Abiko (1995, p.5), o aumento da densidade populacional foi transformando as antigas aldeias em cidades, provocando alterações na esfera da organização social. Citando Benévolo, infere que a cidade, como local de estabelecimento aparelhado e sede da autoridade, nasce da aldeia, mas não é apenas uma aldeia que cresceu, pois ela se forma quando os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não têm essa obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total, nascendo, assim, o contraste entre dois grupos sociais: dominantes e subalternos. A cidade, núcleo dessa evolução, não é apenas maior que a aldeia, ela possui uma velocidade de transformação muito maior, o que determina um salto civilizador e a abertura de novos caminhos para a sociedade, com mudanças profundas da composição e das atividades da classe dominante, que influi em toda a sociedade.

Na cidade, as funções do ágora, conforme Mumford (2008, p.179), se introduziram para assumir formas mais diferenciadas no novo complexo modelo

urbano. Contudo, em seu estado primitivo, o ágora era, acima de tudo, um lugar destinado à palavra, pois, pelo menos no passado, a troca de notícias e opiniões pode ter desempenhado um papel quase tão importante quanto a troca de mercadorias nos mercados urbanos. O antigo ágora tinha uma forma amorfa e irregular, num espaço aberto de propriedade pública, que podia ser ocupado para finalidades públicas.

No processo de surgimento das cidades, com o aumento da população e diversidade de atividades, conforme Munford (2008, p.42), também surgiu a necessidade de um maior controle de todas as partes do ambiente, tendo a religião desempenhado um papel fundamental. Tanto o poder sagrado quanto o poder temporal cresceram e, muitas vezes, foram unidos em um único cargo. Segundo Abiko, na Mesopotâmia, que juntamente com o Egito, foi uma das primeiras sedes com característica de civilização urbana, cada cidade era governada por um sacerdote que representava o povo, auxiliado por um conselho de anciãos e, nessa condição, recebiam, citando Benévolo (BENÉVOLO apud ABIKO 1993, p.8)

os rendimentos de parte das terras comuns, a maior parte dos despojos de guerra, e administravam estas riquezas acumulando as provisões alimentares para toda a população, fabricando ou importando utensílios de pedra e de metal para o trabalho e para a guerra, registrando as informações e os números que dirigem a vida da comunidade.

Portanto, segundo Munford (2008, p.84) o espaço aberto, o ágora, que desempenhava as funções de mercado, fazia parte do recinto do templo. As funções de mercado – fornecimento, armazenamento, distribuição - eram desempenhadas pelo templo. Mas, ainda conforme o autor, com o contínuo aumento da população, que se tornou suficientemente grande para oferecer um bom meio de vida aos mercadores, as vias aquáticas e o aperfeiçoamento da navegação e do transporte, foi possível levar os excedentes a maiores distâncias, passando o mercado a existir como entidade separada.

O desenvolvimento da cidade grega, segundo Munford (2008, p.193), em relação ao modelo original de cidade, tal como se desenvolvera na Mesopotâmia e no Egito, teve algumas diferenças. Os gregos, de certa forma, haviam se libertado da forma de poder sem reservas que a religião anteriormente tinha promovido. Ainda conforme Munford (2008, p.193)

Os gregos acrescentaram à cidade um novo componente, praticamente desconhecido das culturas anteriores, perigoso, pra qualquer sistema de poder arbitrário ou autoridade secreta: suscitaram o aparecimento do cidadão livre. (...) Tudo aquilo que a cidade possuía o cidadão considerava como seu direito de berço: entre os cidadãos, como entre os amigos, não deveria haver segredos, nem barreiras profissionais, nem suposição de desigualdade.

O ágora, ainda segundo Munford (2008 p.178), foi mencionado na Ilíada: “ local de assembléia”, “onde a gente da cidade ia se reunir” e os mais velhos, “ sentados em pedras polidas no meio do círculo sagrado”, decidiam. Este lugar de encontro, possivelmente sob uma árvore sagrada ou junto de uma fonte, já existia na aldeia. Uma área grande, onde danças ou jogos de aldeia podiam ser realizados. Mas, na economia do século V, o ágora era chamado praça do mercado, mas continuava como um ponto de encontro comunal. O mercado, conforme Munford (2008 p.178), era “um subproduto do ajuntamento de consumidores, os quais tinham outras razões para se reunirem, além de fazerem os negócios”. A partir do século VII, com a introdução de moedas cunhadas em ouro e prata como novo meio de troca, o comércio tornou-se o elemento mais importante da vida da cidade e as funções econômicas do ágora se expandiram.

O ágora da antiga Grécia era o espaço da esfera pública onde se praticava a democracia direta, sendo o lugar da discussão e do debate das idéias entre os cidadãos. De acordo com Sitte (1992, p.17) “ A ágora das antigas cidades gregas era o espaço das assembléias sob céu aberto”. Já o fórum romano, conforme também menciona Sitte (1992, p.22) “(...) como que se reuniu no fórum um tesouro em obras plásticas, aí também se concentraram as construções monumentais(...)”, representava o poder do Estado, subordinando o indivíduo aos enormes prédios públicos que o configuravam. O espaço da discussão não era mais a praça pública aberta, era o espaço fechado entre os edifícios, porém, ainda segundo Sitte (1992, p.25), conservando uma idéia de público. Como o ágora, de acordo com Munford (2008 p. 180), combinava tantas funções urbanas importantes – direito, governo, comércio, indústria, religião, sociabilidade – tornou-se o elemento mais vital e distintivo da cidade.

Com a queda do Império Romano do Ocidente e a decadência do mundo clássico, devido às invasões bárbaras, houve uma grande transformação na sociedade do mundo ocidental, ocorrendo uma integração entre as estruturas do mundo romano e do mundo germânico, também chamado de bárbaro, e a

descentralização do poder político, resultando no sistema conhecido como feudalismo, caracterizado por ser um sistema de produção agrário e uma sociedade também agrária. Segundo Abiko (1995, p.28) durante este período, de certa forma, a Igreja Católica veio a substituir o Império Romano em sua função histórica, impedindo que a cultura herdada do mundo antigo desaparecesse. Mas as cidades tiveram sua importância diminuída e algumas podem até ter deixado de existir.

As Praças, na Idade Média, devido às condições já mencionadas, tiveram suas funções esquecidas por um breve tempo. No feudalismo ocorre o êxodo urbano e as cidades que resistiram viviam em meio a crises políticas, invasões e epidemias. O comércio realizado nas praças públicas por indivíduos advindos de regiões fora dos muros da cidade, segundo Munford (2008, p.302), “dependia de segurança física e do asilo legal”. Ainda na Idade Média, de acordo com Françoise Choay (2006, p.35), em decorrência de mudanças políticas e religiosas, houve “indiferença em relação aos monumentos que haviam perdido o seu sentido e seu uso, a insegurança e a miséria: os grandes edifícios da Antiguidade são transformados em pedreira (...) ou desvirtuados”.

As praças não deixam de existir, porém, enquanto patrimônio, são modificadas, passando a estar vinculadas ao tratamento paisagístico de grandes palácios e nem sempre inseridas no contexto urbano. Já os espaços livres existentes nas cidades configuravam-se de forma desordenada, em geral devido à existência de mercados populares, ou também estavam relacionadas com a configuração natural de um espaço livre a partir dos planos de edifícios que foram sendo construídos ao redor de construções importantes, como igrejas, catedrais e prédios públicos; de acordo com Munford (2008, p.470) “a praça aberta jamais havia desaparecido, mas pela mesma razão, na Idade Média, jamais fora usada inteiramente para fins residenciais, quando menos porque o escritório e a oficina faziam parte da moradia”, uma vez que essas características físicas de uma cidade têm estreita relação com as suas características econômicas, sociais e administrativas.

Contudo, ainda segundo Munford (2008, p.303), a partir do século XI, período denominado Baixa Idade Média, com a diminuição das invasões, estabelecendo um clima de maior segurança e favorecendo a maior circulação de mercadorias, o centro urbano desloca-se do castelo e do mosteiro e volta a praça de mercado. Para Marcos Gomes (2007, p.105), na passagem da Idade Média para o Renascimento,



“a praça pública constituía um ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade”, voltando a ser um espaço de reunião e de fortes manifestações culturais.

A invasão de Constantinopla, pondo fim ao Império Romano do Oriente, mudou radicalmente a dinâmica da civilização europeia, abrindo caminho para uma nova grande mudança econômica e cultural na sua sociedade. Com as descobertas marítimas, o comércio entre o continente europeu e as novas colônias, o mercantilismo passou a ocupar local de destaque no desenvolvimento econômico europeu, resultando no enriquecimento das cidades, o que também contribuiu para o conjunto de transformações literárias, artísticas e científicas que foi denominado de Renascimento. Abiko cita Benévolo (Benévolo apud Abiko 1993), em relação ao traçado urbanístico na época da Renascença

as novas cidades seguem um modelo uniforme: um tabuleiro de ruas retilíneas, que definem uma série de quarteirões iguais, quase sempre quadrados; no centro da cidade, suprimindo ou reduzindo alguns quarteirões, consegue-se uma praça, sobre a qual se debruçam os edifícios mais importantes: a igreja, o paço municipal, as casas dos mercadores e dos colonos mais ricos.

Na Europa do século XVII, embora parecessem mais um campo de parada, a praça aberta toma uma nova finalidade: a de interligar residências da classe superior, isto é, conforme Munford (2008, p.470) a de “ajuntar residências, bem à vista uma das outras, um grupo de residências ocupadas por pessoas mais ou menos do mesmo ofício e posição”. A praça, neste caso, é vista como um bem cultural, a partir da premissa que é um patrimônio arquitetônico, o espaço apresenta, segundo Fonseca (2005, p.42) valor utilitário e econômico, constituído de valor simbólico “enquanto referência a significações de ordem da cultura”. Já no século XVIII, preocupados com a paisagem, os proprietários das casas das praças cederam os espaços vazios para que fossem transformados em jardim ou parque comum.

O aumento da importância das cidades, segundo Abiko (1995, p.35), é a característica da transição do período renascentista e, já no estado barroco, as cidades passariam a ser capitais políticas e fontes do poder econômico, pois o mundo político também passaria a girar em torno do poder do rei, este como estrutura remanescente do mundo medieval. Ainda segundo Abiko (1995, p.36-37), o traçado das cidades barrocas não apresenta diferenças significativas em relação às cidades clássicas, sendo herdeiras dos estudos teóricos do Renascimento, em

que os esquemas de baseavam na pura harmonia geométrica e independência da percepção visual. No urbanismo, predominava a grandeza: a praça monumental era para servir de quadro para a estátua do rei.

A última e fundamental mudança das cidades, conforme Abiko (1995, p.37), resultou da Revolução Industrial, que foi seguida por uma grande explosão demográfica. À medida que aumenta o número de habitantes, muda a sua distribuição no território como efeito das transformações econômicas. A cidade industrial era um fato novo, com um volume populacional triplicado, ocorrendo a concentração da população em aglomerados a serviço das indústrias, transformando as antigas cidades e criando outras, estas pela iniciativa privada, que busca o máximo de lucro, resultando em problemas urbanos, que necessitavam de ações públicas para ordenar e propor soluções, nascendo aí o urbanismo moderno para entender e solucionar os problemas urbanos. O Urbanismo, em sentido amplo, é a disciplina ou atividade, de caráter multidisciplinar relacionada com o estudo, regulação, controle e planejamento de cidades (Ferreira, 2009).

Durante o século XIX, com a constituição formal da profissão de arquiteto paisagista, as praças passaram a ser objeto de projetos desses profissionais, que incluíam arborização e ajardinamento, instalação de coretos, monumentos, passando também a ser local para as mais diversas celebrações. O paisagismo ou arquitetura de paisagem é a arte ou técnica de promover o projeto, planejamento gestão e preservação de espaços livres, urbanos ou não (Ferreira, 2009). As praças, como outros espaços públicos, são reflexo da mentalidade da época.

No Brasil, as primeiras praças, como ponto de origem das cidades, foram localizadas na frente de igrejas. Nesses espaços, atualmente denominados centro antigo, as cidades tiveram suas primeiras relações comerciais, é o que nos indica Gomes (2007, p.103)

as praças brasileiras surgiram no entorno das igrejas, constituindo os primeiros espaços livres públicos urbanos. Assim, atraíam as residências mais luxuosas, os prédios públicos mais importantes e o principal comércio, além de servir de local de convivência da comunidade e como elo de ligação entre esta e a paróquia.

Devido ao crescimento desordenado de seus centros urbanos, no Brasil colônia não havia um número elevado de praças, cabendo a uma mesma cumprir, segundo Gomes (2007, p.105) “todas as atividades num mesmo espaço, inclusive civis e

militares”. Coube desta maneira, uma interação muito mais profunda entre os diferentes segmentos da sociedade, visto que utilizavam a mesma praça para ritos religiosos e passeios dominicais.

As idéias de verde e de ajardinamento também foram associadas à evolução das praças brasileiras, que passaram a se caracterizar por serem ocupadas pela vegetação e arborização, priorização da circulação de pedestres e não acessibilidade de veículos. Para Sitte (1992, p.165), os moradores de grandes centros urbanos são seduzidos pelas áreas verdes, visto que é um refúgio em meio a tanta área pavimentada. Além de árvores e vegetação arbustiva, as praças contam com outro elemento importante: a água que está presente nos chafarizes e nos lagos artificiais. Sendo resultante de algum projeto urbanístico, costumam ser providas de equipamentos recreativos e contemplativos – *playgrounds*, recantos para estar, equipamentos para ginástica e corridas e caminhadas, bancos mesas, etc. Também, os jardins urbanos que surgem devido ao traçado viário das cidades - as rotatórias e canteiros de grandes avenidas - às vezes acabam recebendo o nome de praça. E no meio ambiente urbano, as praças, sendo bens de uso comum do povo, com seus jardins, coretos, bancos, equipamentos recreativos e contemplativos, e vias de circulação, não somente contribuem para embelezamento das cidades como também para o equilíbrio ecológico, e ainda promovem o intercâmbio social e cultural, atividades físicas para a saúde, esporte e lazer, cumprindo assim o seu papel de ser local de exercício de cidadania.

É impossível pensar uma cidade, mesmo no século XXI, sem praças, embora a sociedade tenha encontrado outros espaços urbanos públicos para se encontrar, como os *shoppings centers*, ou em espaços virtuais como as redes sociais. Gomes (2007 p.107) apresenta um prognóstico realizado pelo arquiteto francês Paul Virilio de que “haveria a substituição da praça como meio de informação da sociedade pela televisão”, contudo, o autor refuta tal afirmação citando o arquiteto brasileiro Paulo Casé de que “a praça não se reduz a um local para a troca de informações”. Ainda para o autor, a essência das praças está em “invocar o espírito gregário arraigado no inconsciente do homem urbano”. Hoje, o homem não se reúne na praça para obter informações, mas principalmente para o lazer e o bem-estar. Portanto, desde a antiguidade, quando os cidadãos compareciam ao ágora, para o encontro comunal, troca de mercadorias ou discutirem as questões políticas e de estado, até os dias de hoje, quando os cidadãos comparecem à praça – na concepção atual de

logradouros públicos ajardinados - para o encontro social, o lazer, o esporte, as atividades cívicas e religiosas, as praças sempre estiveram associadas ao conceito de cidadania.

No entanto, a praça pública, nos grandes centros, pode estar fadada ao fim, devido a alguns fatores que contribuem para inviabilizar a freqüência dos seus usuários, os quais não estão relacionados à perda das funcionalidades da praça, que a fez centro irradiador dos modos de vida e pensamento de uma época. Esta questão é apontada por Gomes (2007, p.109)

Nos grandes centros, são encontradas, com facilidade, praças deterioradas e pouco freqüentadas devido à diversidade de problemas que envolvem tais espaços. Isso constitui para os planejadores, uma importante questão no que se refere à qualidade da paisagem urbana e à valorização dos espaços públicos.

Ainda segundo Gomes (2007, p.116), neste cenário urbano, palco de inúmeras contradições, tanto sociais quanto ambientais, o lazer se torna elemento vital para o homem, uma vez que contribui para a melhoria da qualidade de vida. Portanto o planejamento urbano deve privilegiar espaços públicos de fácil acessibilidade com o fim de favorecer todas as camadas sociais, dotando-os de equipamentos necessários ao desempenho de suas funções: atividades sociais, físicas, lazer, contemplação. A praça pública, como local de convivência em comunidade e do cotidiano urbano, deve ser priorizada na cidade, para que assuma, além do seu papel de área de lazer, também o papel de área verde, contribuindo assim para a regulação do clima urbano e também o equilíbrio ecológico.

Na atualidade, o ambiente ecologicamente equilibrado, a saúde, a educação, o lazer, equipamentos urbanos também voltados ao idoso, constituem direitos sociais previstos na Constituição Federal, na Lei 8069/90, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente, e na Lei 10.741/2003, conhecida como Estatuto do Idoso, e cabe ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. A cidadania e seu exercício, para Marília Xavier Cury (2005, p.31), são também os propósitos da disciplina museológica.

As praças públicas, com seus espaços, seus equipamentos voltados a atividades físicas, sociais e culturais, e ao lazer da comunidade, estão habilitadas a se tornarem objeto de interesse da disciplina museológica. Conforme Valdisa Russio Camargo Guarnieri (GUARNIERI apud CURY 2005, p.30), “a museologia é o estudo

do fato museológico, isto é, a relação profunda entre o Homem, sujeito que conhece, e o Objeto, parte da Realidade á qual o homem também pertence e sobre o qual tem o poder de agir, relação esta que se processa num cenário institucionalizado, ou o museu”. Já Cristina Bruno introduziu o conceito de patrimônio no triângulo da especificidade da museologia, substituindo o homem pela comunidade, o acervo pelo patrimônio e o edifício pelo território (BRUNO apud CURY 2005, p.33). A praça pública, possui um acervo, composto por seus equipamentos e patrimônio natural, um público visitante, representado pelos usuários e a comunidade em geral, um território no qual se estabelece a relação ou o confronto entre essa comunidade e o patrimônio. Considerando o seu traçado urbanístico, também constituem em documento sobre a construção da cidade. Consequentemente, as praças públicas podem ser inseridas no amplo conceito de instituições museais e, como tais, também devem se constituir em locais de ações museológicas - pesquisa, conservação, documentação, comunicação, avaliação. Como instituições museais e comunicadoras potenciais, as praças públicas podem ser avaliadas através do estudo de público.

### 1.1. A CIDADE DE MURITIBA

A Cidade de Muritiba surgiu a partir da propagação da colonização portuguesa pelas terras do Recôncavo, propícias ao cultivo da cana-de-açúcar e fumo. Os exploradores portugueses e os Jesuítas atingiram as regiões de Cachoeira e São Félix e, subindo a serra, alcançaram o planalto da margem direita, fundando aí uma povoação que nasceu sob a invocação de São Pedro Velho do Monte de Muritiba, iniciando-a com a construção de um templo dedicado ao Santo, e um convento. No ano de 1705, foi criada a freguesia por D. Sebastião Monteiro da Vide, 5º Arcebispo Primaz do Brasil e, em 8 de agosto de 1919, foi elevada á categoria de vila; mas foi em 3 de agosto de 1922 que Muritiba foi elevada à categoria de cidade, desmembrando-se do Município de São Felix.

O Município de Muritiba, conforme os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, está localizado na zona fisiográfica do recôncavo baiano, ocupando uma área de 89,310 Km<sup>2</sup>, a 208 m do nível de mar, distando 114Km de Salvador. Limita-se com os municípios de Cachoeira, São Felix, Cruz das Almas, Cabaceiras do Paraguaçu e Governador Mangabeira. É formado pela cidade

sede – Muritiba – e pelo Distrito de São José de Itaporã, além de localidades como: Pau Ferro, Pedrinhas, Beija-flor, Mil peixes, Gravatá de Cima, Gravatá de Baixo, Laranjeiras, Carro Quebrado, Baixa Grande, Tabuleiro da Baiana, Marimbondo, Pindobeira e Alegre. A população estimada é 28.899 habitantes.

O relevo é caracterizado por existência de tabuleiros e, estando vinculado à Bacia Hidrográfica do Paraguaçu, o município é cortado pelos rios Paraguaçu, Capivari e Riacho da Légua. Conforme consta no *site* da Cidade, o clima é considerado excelente durante a maior parte do ano, sendo recomendado para estação de veraneio, repouso e cura de doenças das vias respiratórias.

As principais atividades econômicas são a agricultura, pecuária e silvicultura, indústria de fabricação de charutos e beneficiamento de fumo: a partir do plantio da mandioca, também se destaca a fabricação da farinha de mandioca e dos seus derivados como beiju, goma, massa puba; também se destacam o plantio do milho, feijão, laranja, banana; na pecuária, a criação de bovinos, suínos, caprinos e muares.

O patrimônio turístico inclui a Igreja Matriz de São Pedro, construída no século XVIII, com imaginárias e azulejaria dos séculos XVIII e XIX; Igreja Senhor do Bonfim, esta do século XIX; a Casa do Dendê. Como patrimônio natural tem a Fonte da Baixinha, Fonte do Caquende, Fonte dos Padres, Fonte do Leite, e as Quedas D' água da Cachoeirinha.

As manifestações culturais, além das celebrações religiosas, festas cívicas e populares, são apresentadas pelos seguintes grupos: Filhos do Paraguaçu, Grupo de Capoeira Raça, Banda Higiene Mental; Grupo Musical Cintura Fina, Amigos da Ilha, Grupo Samba Riba, Grupo Nostalgia, Grupo Fascinacion; Orquestra Musical Sentimental; Filarmônicas 5 de Março e Lira Popular Muritibana.

Além do patrimônio já mencionado, a Cidade de Muritiba também é caracterizada pelas suas praças ajardinadas, em número de oito, incluindo a Praça de São Pedro, objeto deste estudo.

## 1.2. A PRAÇA DE SÃO PEDRO DE MURITIBA

A Praça de São Pedro de Muritiba situa-se no largo, em frente a Igreja Matriz de São Pedro - local de origem da cidade - na confluência das Ruas Castro Alves, Auta de Andrade de Souza, Dr. Zamehoff, Dr. Cândido Pimentel Filho e Rui Barbosa. A praça foi reformada no ano de 2005, resultante de um projeto contemporâneo que a dotou de paisagismo, equipamentos recreativos e contemplativos, rampas de acesso para pessoas portadoras de necessidades especiais.

Figura 01 – Praça de São Pedro de Muritiba 2008



FONTE: autora (2008)

Na sua placa comemorativa consta a seguinte inscrição: “As obras de urbanização desta praça inaugurada nesta data, na presença honrosa do Senador Antonio Carlos Magalhães, foram realizadas pelo Governo do Estado, contribuindo para melhoria das condições de vida do Município de Muritiba. Muritiba 08 de março de 2005”.

Figura 02 – Placa da inauguração da Praça de São Pedro



FONTE: Autora (2008)

A Praça de São Pedro, cuja pavimentação é em concreto, está dividida em três jardins: o central, o maior, onde está instalado o Cruzeiro, dispõe de espaço para concentração de pessoas nas festas cívicas e religiosas e eventos.

Figura 03 – Cruzeiro da Praça de São Pedro



FONTE: autora (2008)

O outro jardim, do lado direito, dispõe de bancos e um pátio, onde a comunidade costuma praticar atividades físicas.

Figura 04 – Pátio da Praça de São Pedro



FONTE: autora (2008)

No terceiro jardim, fica o parque infantil.

Figura 05 - Parque infantil da Praça de São Pedro



FONTE: autora (2008)



A praça tem vários canteiros com árvores frondosas, pérgulas, bancos no estilo Barroco, em ferro e madeira, e outros bancos construídos em alvenaria. No seu entorno, além da Igreja Matriz de São Pedro, encontramos residências, centro espírita, uma clínica médica, um consultório odontológico, uma oficina de som para autos, uma barraca.

Figura 06 – Imagem do entorno



FONTE: autora (2008)

Com a mudança da Administração Municipal, no ano de 2009, sendo Prefeito o Sr. Epifânio Marques Sampaio, a Praça passou por outra reforma: pintura e colocação de iluminação especial para realçar o patrimônio natural.

Figura 07 – Imagem da Praça de São Pedro atual durante o dia



FONTE: autora (2011)

Figura 08 - Imagem da Praça de São Pedro atual durante a noite



FONTE: autora (2011)

## **2. QUADRO TEÓRICO: ESTUDO DA PRAÇA DE SÃO PEDRO EM MURITIBA ATRAVÉS DA AVALIAÇÃO DE PÚBLICO.**

O estudo do patrimônio histórico se identifica com a necessidade de organizar os bens que possam evidenciar o caráter distintivo da história de uma determinada coletividade, podendo tais bens serem classificados como tangíveis e não tangíveis. A manifestação de identidade de uma coletividade se revela não somente através do patrimônio material, mas também se faz presente em outras formas de expressão cultural, inclusive na interação da comunidade com o ambiente, com a natureza e com as condições de sua existência. Uma comunidade também se expressa através dos saberes, celebrações e formas de expressão: artesanato, maneiras e modos do seu fazer cotidiano, culinária, danças e músicas, rituais e festas religiosas e populares, relações sociais, manifestações artísticas, literárias, cênicas, lúdicas, como também nos espaços públicos.

Nas cidades interioranas, a praça vinculada à igreja matriz enfatiza o papel da centralidade urbana. Segundo Sandra Jatahy Pesavento (2007), todos os habitantes de uma cidade têm pontos de ancoragem da memória: lugares em que se reconhecem, em que vivem suas experiências do cotidiano ou mesmo situações excepcionais, territórios muitas vezes percorridos e familiares ou, pelo contrário, espaços existentes em um outro tempo e que só tem sentido em nosso espírito porque narrados pelos mais antigos, que os percorreram no passado. Estes espaços dotados de significado fazem de cada cidade um território urbano qualificado, a integrar esta comunidade simbólica de sentidos, a que se denomina imaginário. Mais do que espaços, ou extensão de superfície, se constituem territórios, porque são apropriados pelo social. Sobretudo, são lugares dotados de carga simbólica que os diferencia e identifica. Cada cidadão escolhe seus pontos de atenção e referência, um recanto especial da cidade que o toca de maneira particular, para se situar no tempo e no espaço urbano. Mas o cidadão também pode ser induzido, educado e ensinado a identificar lugares de uma cidade, partilhando das mesmas referências de sentido, em um processo de vivência do imaginário urbano coletivo.

Porém, a memória não é individual, é coletiva, visto que não construímos lembranças sem a presença de outros indivíduos, pois não estamos sozinhos no globo. A memória é viva e passível de transformações, é espontânea, por que não necessita de organização de como deve ocorrer. Quando grupos passam, segundo

Pierre Nora (1984, p.25), a redefinir a sua identidade a partir da revitalização da sua história, esta não é mais classificada como memória, pois a “tarefa de recordar fez de cada um seu próprio historiador”. A partir de então são eleitos pontos de memórias, que podem ser desde objetos até lugares de memória eleitos através da importância histórica para a comunidade. Contudo, quando as manifestações são realizadas numa praça, igreja ou qualquer outro espaço público de maneira espontânea, ou seja, sem a imposição de que deve ocorrer para afirmação da identidade do grupo, este espaço continua sendo um local de memória verdadeira. Há ainda o fato de a memória espontânea confundir-se com a memória-história, quando em diversas manifestações culturais há aqueles que participam de maneira espontânea porque foi transmitido de uma geração a outra, e aqueles que participam por ser algo que o caracteriza como grupo ou porque tem curiosidade enquanto turista ou pesquisador, tendo como exemplos a festa da irmandade da Boa Morte, o Carnaval e a Lavagem do Bonfim.

Para Nora (1984, p.29) “os lugares de memória são criados por um jogo de memória e história, uma interação de dois fatores que resulta em sua recíproca sobredeterminação”. A memória de determinados lugares não é passível de existir para sempre, não podemos bloquear o ato de esquecer, e necessitam da história para continuarem existindo. Ainda para o autor, os lugares de memória “são mistos, híbridos, mutantes, unidos intimamente à morte e à vida, ao tempo e à coletividade, emaranhados no coletivo e no individual, no sagrado e no profano, no imutável e no móvel”. Criados espontaneamente ou não, indiscutivelmente os lugares de memória são benéficos à construção e consolidação da identidade de um povo.

Ainda segundo Pesavento (2007), uma cidade é detentora de história e memória, como também dessa comunidade simbólica de sentido a que se dá o nome de identidade. O centro de uma cidade foi, por muito tempo, o cartão de visitas de uma cidade e, mesmo que tais espaços tenham sofrido degradação, deixaram marcas, que funcionam como padrões de referência identitária para uma cidade. As identidades, enquanto sensação de pertencimento, são elaborações imaginárias que produzem coesão social e reconhecimento individual. Elas asseguram e confortam, sendo dotadas de positividade que permite a aceitação e o endosso e fundamentam-se em dados reais e objetivos, recolhendo traços, hábitos, maneiras de ser e acontecimentos do passado, tal como lugares e momentos. Com tais elementos, a identidade implica na articulação de um sistema de idéias, imagens, que se mostra

em ritos e práticas sociais e se dão a perceber tais como os monumentos, feitos para lembrar.

Pesavento (2007) também infere que os monumentos têm seu *locus* preferencial de referência nos centros urbanos, núcleo onde tudo começou. O centro é o núcleo original, o ponto de partida nodal de uma aglomeração urbana. O centro é, pois, o marco zero de uma cidade, o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem. Assim sendo, o centro é um espaço privilegiado no tempo. Como núcleo de origem, os centros urbanos concentram os prédios mais antigos, ditos históricos e potencialmente referenciais para o passado da urbe; neste espaço central teve ainda início o processo de instalação dos primeiros equipamentos urbanos, assim como também tais sítios de origem são, via de regra, centros políticos, culturais, religiosos e, sobretudo, locais de intensa sociabilidade. A centralidade oferece elementos icônicos e emblemáticos para a identidade urbana de uma cidade, compondo dela um panorama idealizado de reconhecimento.

A Praça de São Pedro, em Muritiba, é portadora dessa centralidade, pois foi construída no grande largo em frente ao maior monumento da Cidade, a Igreja Matriz de São Pedro (do século XVIII, conforme já foi mencionado), além de ser um dos espaços – mesmo antes da construção da praça como equipamento resultante de um projeto urbanístico - em que a comunidade muritibana sempre manifestou o seu modo de vida, relações, saberes e celebrações.

Na atualidade, é possível observar pessoas de ambos os sexos e variadas idades passeando e fazendo caminhadas pelas suas vias de circulação; exercícios aeróbicos nas áreas destinadas às atividades físicas; pessoas sentam-se nos bancos, à sombra das árvores, em atitude contemplativa, conversando ou namorando; jovens jogam bola, pedalam bicicletas e andam de *skate*; crianças brincam no parque infantil. No mês de junho, também é realizada a Festa de São Pedro, Padroeiro da Cidade, com programação religiosa e profana: novena e missa festiva; quadrilhas; gincanas. Durante esse período festivo, são instalados palanques para apresentação de filarmônicas, grupos folclóricos, shows de cantores e grupos locais; barracas para venda de alimentos e bebidas típicas, bem como um pequeno parque de diversão. Em dezembro, também se realiza o auto do Natal e é armado o Presépio.

A Praça de São Pedro, portanto, sendo espaço projetado para atividades destinadas à saúde, educação e lazer, celebrações religiosas e cívicas, além de se

constituir em local de exercício de cidadania, também se constitui em lugar de memória. A memória que é, segundo Gilmar Arruda (ARRUDA, 2000 p.45), “vida, carregada por grupos vivos”. Ainda segundo Arruda, a memória é um fenômeno atual que se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto.

## 2.1. MEMÓRIA E MUSEOLOGIA

A memória é também, segundo Jaques Le Goff (2006 p.469-470) “um elemento essencial do que se chama de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje”. Porém Le Goff adverte que “a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento de poder, cabendo aos profissionais científicos da memória fazer da luta pela democratização da memória social um dos imperativos prioritários da sua objetividade científica”. De acordo com Ulpiano Bezerra de Menezes (1998, p. 14), em relação à memória ser um instrumento de poder a partir de monumentos erigidos para este fim, esclarece que “A nação, por exemplo, há muito deixou de ser lugar essencial da memória, pois não atende à heterogeneidade, às oposições, conflitos, mas antes, a um ideal de harmonia no corpo político que nos parece fora de moda”. Os monumentos como locais de memória podem ser passíveis de interferências bruscas para o pseudo bem-estar da nação, como símbolos de poder religioso ou político que podem ser retirados de, por exemplo, uma praça por um determinado grupo que está no poder momentaneamente.

Segundo Cristina Bruno (2004, p.1), a Museologia é uma das áreas do conhecimento que se ocupa das formas de enquadramento de bens patrimoniais e seus profissionais são agentes da educação e da memória. A Museologia tem sido organizada como uma área do conhecimento, justamente para equacionar os aspectos técnicos, teóricos e metodológicos, relativos à constituição, implementação e avaliação dos processos que as sociedades estabelecem para a seleção, tratamento, extroversão dos indicadores da memória, transformando-os em referências patrimoniais e projetando-os em campos constitutivos da herança cultural.

A Museologia, segundo Bruno (2004, p.2), é uma área que interessa aproximar os objetos interpretados dos olhares interpretantes, como também em resgatar dos indicadores da memória os diferentes significados, ou melhor, é uma área que se

preocupa em preservar a lucidez dos olhares perceptivos - que se apropriam de referências culturais coleções e acervos, constituindo instituições museológicas - mas, sempre, com a intenção de possibilitar a reversibilidade destes olhares, de permitir novos arranjos patrimoniais e novas apropriações culturais.

Ainda segundo Bruno (2004, p.3), a Museologia é uma área de conhecimento que estabelece relações cognitivas e afetivas entre as referências patrimoniais e os diferentes segmentos da sociedade contemporânea. A preocupação essencial dessa disciplina está voltada para dois grandes problemas. Por um lado, ainda segundo BRUNO (2004, p.4) em um campo de interlocução, emerge a necessidade de identificar e compreender o comportamento individual e/ou coletivo do Homem, ao longo do tempo, frente ao seu patrimônio; e, por outro lado, em um campo de projeção, surgem os processos que possibilitam que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e essa, por sua vez, contribua com a construção das identidades.

Bruno (2004 p.4) considera alguns parâmetros definidores e delimitadores deste campo essencial, amparados sempre pela perspectiva de produção de conhecimento e pela vocação preservacionista, entendendo que todas as operações museológicas – direta ou indiretamente – devem consolidar bases de pesquisa, com vistas à produção de conhecimento novo, organização de estudos técnicos e valorização de saberes populares, propondo, como ênfase desta reflexão, que ações deste campo essencial sejam orientadas para os caminhos preservacionistas .

Bruno (2004 p.5) considera, ainda, que a pesquisa e preservação constituem os parâmetros definidores e elementares. Enquanto que os parâmetros delimitadores do campo essencial de ação museológica se consolidam a partir da dinâmica da cadeia operatória dos procedimentos de salvaguarda - envolvendo a conservação e documentação, e comunicação - esta envolvendo os problemas de exposição e ação educativa - cultural, sempre amparadas pelas perspectivas de planejamento e avaliação.

## 2.2. AVALIAÇÃO DE PÚBLICO

A avaliação, que significa apreciação ou análise, segundo Teixeira Coelho (2004, p.64), se aplica a uma política cultural, um programa institucional, uma

exposição, com o objetivo de aperfeiçoá-los. A avaliação, segundo Coelho, é cabível não somente às políticas culturais como também a todas as políticas públicas, sendo uma exigência decorrente de uma consciência mais aguda de cidadania. Políticas culturais são implementadas, geralmente, com o objetivo de intervir no núcleo organizacional e nos procedimentos de organização simbólica e de construção do imaginário de uma sociedade, procurando criar as condições para a construção ou aprimoramento de uma mentalidade geral exigida para o enfrentamento de problemas cujas respostas devem ser encontradas por essa sociedade. Os procedimentos a serem adotados num caso específico dependem da natureza do que estará sendo examinado tal qual variam os métodos gerais de avaliação. Esses métodos são em geral definidos na dependência da política ou programa específico a ser avaliado e assumirão, quase sempre, um caráter compósito. A avaliação também constitui uma das ações museológicas.

Em museus ou instituições museológicas, segundo Adriana Mortara de Almeida (2005 p.32-33), o estudo ou avaliação de público traz a voz do visitante, que deve ser considerado como participante ativo na relação museal . Por meio da observação, entrevistas, questionários, depoimentos e conversas, esses estudos trazem a voz do visitante na busca do aperfeiçoamento do processo comunicacional, procurando conhecer cada vez mais o perfil, os conhecimentos prévios, os desejos e as necessidades do visitante/receptor. Almeida também menciona os autores Falk e Dierking (1992), os quais, segundo a autora, propuseram-se a investigar a aprendizagem em museus e em que situações seria possível ter ocorrido essa aprendizagem, devendo esse modelo de experiência interativa tornar ainda mais visíveis as relações que ocorrem durante a visita e também os antecedentes desta visita e os fatos relevantes posteriores a ela.

Almeida (2005, p.32-34) esclarece que, nesse modelo de Falk e Dierking, a visita ao museu é interpretada como a intercessão de três contextos: o pessoal, o físico e o sócio-cultural. O contexto sócio-cultural está presente em todos os contextos que o indivíduo mantém durante a visita ao museu, seja com o grupo, com os servidores da instituição ou qualquer outra pessoa; o contexto físico engloba tanto a exposição, quanto ao prédio do museu, dos arredores e o ambiente no qual se dá a interação; o contexto pessoal abrange todas as motivações, os conhecimentos e as crenças dos visitantes, a seleção e a escolha do seu percurso, atitudes durante a visita e os eventos e experiências de relações posteriores

ocorridos fora do museu, os quais, porém, só fazem sentido quando relacionados à experiência interativa no museu. Esclarece ainda que, embora a bibliografia sobre estudo de público seja vasta, devem ser adaptadas aos contextos e conforme as especificidades culturais.

Vistos os contextos que devem ser considerados para a realização dos estudos de público, verificaremos a seguir o que constitui o patrimônio cultural e os atores envolvidos na construção desse patrimônio. Maria Cecília Londres Fonseca (2005, p.21), em seu livro *O Patrimônio em Processo*, menciona que a constituição do patrimônio histórico e artístico é uma prática dos Estados Modernos que, através de determinados agentes, recrutados entre os intelectuais e com base em estruturas jurídicas específicas, delimitam um conjunto de bens no espaço público, os quais, pelo valor que lhes é atribuído, enquanto manifestações culturais e enquanto símbolos, passam a ser merecedores de proteção, visando a sua transmissão as gerações futuras.

Os processos e práticas de constituição desse patrimônio, ainda segundo Fonseca (2005, p.36), são conduzidos por atores definidos e em circunstâncias específicas. São as práticas e esses atores que atribuem a determinados bens valor enquanto patrimônio, justificando sua proteção pelo Estado. É a noção de valor que serve de base a toda reflexão, pois considera que são esses processos de atribuição de valor que possibilitam uma melhor compreensão do modo como são progressivamente construídos os patrimônios. Citando Giulio Carlo Argan, para o qual as obras de arte são coisas, as quais podem ser tratadas de duas maneiras, isto é, que podemos procurá-las, identificá-las, classificá-las, comprá-las, vendê-las, ou também que podemos visar o seu valor, verificar no que ele consiste, como se gera e transmite, se reconhece e se usufrui, a autora infere que assim também são tratados os bens patrimoniais.

Fonseca (2005, p.36) ainda explica - argumentando que é próprio das políticas de preservação estarem voltadas para as coisas e mesmo serem absorvidas por elas, convertendo-se assim as coisas no objeto principal da preocupação dos atores envolvidos – que o valor desses bens tende a ser naturalizado, sendo considerado sua propriedade inerente, acessível apenas ao olhar qualificado. Adverte, no entanto, que, como uma política de preservação do patrimônio abrange um âmbito maior que um conjunto de atividades visando à proteção dos bens, é necessário ir além, e questionar o processo de produção deste universo que constitui um



patrimônio, verificando os critérios que regem a seleção de bens e justificam sua proteção, identificando os atores envolvidos nesse processo e os objetivos que alegam para legitimar o seu trabalho.

Fonseca (2005, p.39-40) acrescenta que também é necessário definir a posição do Estado relativamente a essa prática social e investigar o grau de envolvimento da sociedade, tratando-se, aí, de uma dimensão menos visível das políticas de preservação, porém não menos significativa. Portanto, se em sentido lato, o objetivo das políticas de preservação é garantir o direito do cidadão à cultura - esta entendida como aqueles valores que indicam e no qual se reconhece a identidade - e, ainda, se a proteção incide sobre as coisas, objeto da proteção jurídica, então o objetivo da proteção legal é a permanência dos valores culturais nela identificados.

Já para Isabel Vítor (2005, p.2), os processos museológicos devem emergir da comunidade, na participação do cidadão e elevação de suas expectativas. E, conseqüentemente, o museu e o museólogo passam a ser sujeitos sociais comprometidos com o desenvolvimento e os membros da comunidade, seus parceiros. Mas afirma também que, embora o movimento para a Nova Museologia tenha inaugurado um rumo alternativo para a Museologia, continuam a faltar os instrumentos de avaliação capazes de captar e valorizar essa mudança. Os estudos de público aplicados à realidade dos museus tradicionais não servem para captar a essência da Museologia social.

Ainda segundo Vítor (2005, p.6), a questão é saber como avaliar a qualidade em museus ou instituições museais cujo paradigma se centra na comunidade e no seu desenvolvimento, baseada em processos que resultam da participação das pessoas na função de preservar, reinventar e divulgar os patrimônios. A questão é saber como avaliar se os resultados que nos propusemos a atingir estão em consonância com a missão e os valores dos museus e como testar, com objetividade, se os compromissos que estabelecemos com as pessoas e os diferentes grupos na comunidade estão no bom caminho. A qualidade, nas perspectivas coincidentes da Nova Museologia e da gestão de qualidade, advém, sobretudo, da coerência entre as expectativas da comunidade, da missão, os resultados em ordem as pessoas e à sua satisfação. O museu encontra sentido na participação dos cidadãos. A participação é transversal a todo o processo

museológico gerado na dinâmica da comunidade como resposta aos anseios e necessidades.

Ainda segundo Vítor (2005, p. 2), a participação das pessoas da comunidade, a elevação de suas expectativas e a gestão do conhecimento gerado na socialização dos processos – identificação, recolha e difusão dos patrimônios e valores identitários - que favorecem a melhoria contínua, o desenvolvimento e autonomia, são o barômetro de qualidade da museologia social. Então, o que se precisa avaliar é o impacto na sociedade e a eficácia dos processos de mudanças gerados pelo conhecimento construído em ordem à satisfação das pessoas e dos diversos grupos da comunidade.

Portanto, se, para Fonseca (2005, p.40), o objetivo da proteção legal é a permanência dos valores culturais identificados nas coisas e, se para Isabel Vítor (2005, p.2) os processos museológicos devem emergir da comunidade, na participação do cidadão e elevação de suas expectativas, então, os atores aptos a identificar esses valores culturais são aqueles que, na sua relação com as coisas, lhes atribuem os valores que constituem o patrimônio cultural nelas existentes.

No caso específico do estudo da Praça de São Pedro, em Muritiba, através da avaliação de público, os atores ouvidos são aqueles que na sua relação com a Praça vêm lhes atribuindo os valores que constituem o seu patrimônio cultural: o usuário, a comunidade em geral e também o poder público municipal nas suas políticas de intervenção. O estudo de público na Praça de São Pedro de Muritiba evidenciará o perfil, os conhecimentos, as idéias, sentimentos, motivações dos seus usuários, aqueles que, na sua relação com o referido espaço comunal, lhe atribuem valores que indicam e no qual também se pode reconhecer a identidade da comunidade muritibana, buscando o seu desenvolvimento através da preservação e comunicação do seu patrimônio. Os profissionais de museu, segundo Cury (2005, p.31), devem pensar trabalhar na perspectiva da preservação do patrimônio cultural para construção e reconstrução individual e coletiva da memória e identidade, visto que para ser considerado como tal, o patrimônio deve ser revestido de carga simbólica e representativa.

## 2.3. METODOLOGIA

### 2.3.1. Objeto de Estudo

Em observância aos princípios metodológicos da pesquisa científica, o presente trabalho enfocará a Praça de São Pedro de Muritiba, através de um estudo de público, tendo por finalidade compreender a relação da comunidade com esse bem público que integra a sua paisagem urbana. Este estudo procura identificar se a Praça de São Pedro de Muritiba, na sua forma atual, vem cumprindo as funções que caracterizaram a praça pública na sua evolução histórica, também conhecer o perfil do público que a visita, identificando as atividades praticadas pelos usuários na sua relação com a praça, averiguando as suas expectativas com relação a esse bem cultural, buscando divulgá-la com o objetivo de preservar o seu patrimônio.

### **2.3.2. Tipo de Pesquisa**

No presente trabalho utilizou-se de pesquisa em bibliotecas, arquivos públicos, entrevistas dirigidas a autoridades e representantes de entidades, bem como pessoas representativas da comunidade, bem como questionários.

A pesquisa em bibliotecas e arquivos, como fonte primária, permitiu a investigação sobre o histórico da Praça de São Pedro através de documentos. As entrevistas e os questionários (vide apêndice A) permitiram uma abordagem direta à pessoas da comunidade e usuários da Praça, para conhecimento do seu perfil, sua relação com esse bem público, seus conhecimentos prévios, seus desejos e suas necessidades.

A delimitação temporal e espacial da pesquisa limita-se a Praça de São Pedro, em Muritiba, compreendendo o período de dezembro de 2011 a janeiro de 2012, com aplicação de 100 questionários semi-estruturados ao público usuário, porém também serão considerados membros da comunidade residentes ou que trabalham na adjacências da praça, bem como representantes de entidades representativas da comunidade. Esta escolha motivou-se pela possibilidade de entrevistar indivíduos que circulam no espaço diariamente ou que utilizam o espaço para alguma atividade. A idéia de trabalhar aplicando o questionário em outros pontos da cidade não foi realizada, por querer perceber, especificadamente, o perfil do público usuário da praça de São Pedro. O instrumento de trabalho da coleta de dados, o questionário, foi submetido a um teste antes de ser aplicado.

Os questionários foram aplicados durante todo o dia – manhã, tarde e noite – e para todas as faixas etárias. Os entrevistados foram escolhidos por conveniência, ou seja, a partir da percepção de que estes realizavam alguma atividade na praça – desde exercícios físicos até contemplação. Partiu-se da idéia de que, aplicado desta forma, a real funcionalidade da praça seria evidenciada, e se a praça também é reconhecida como patrimônio e local de memória.

### 3. RESULTADOS DA PESQUISA

#### 3.1. ANÁLISE DO RESULTADO DA PESQUISA EM ARQUIVOS E BIBLIOTECA

Foram realizadas pesquisas na Biblioteca Professora Leda Nadir Leal Coelho e no Arquivo Público do Município de Muritiba, porém, não foi encontrado nenhum documento relacionado à Praça de São Pedro e suas inúmeras mudanças.

No Arquivo Público Dr. Julio Ramos de Almeida, do Município de São Félix, não foram encontrados documentos relativos à Praça de São Pedro e suas várias reformas, contudo, no periódico *O Correio de São Félix*, que circulou entre os anos de 1934 a 2000, na edição de 06 de dezembro de 1952, foi encontrada uma nota a respeito da Festa de Nossa Senhora das Graças (vide anexo A), na qual há uma referência ao Largo da Matriz, onde ocorreu a discurso do então Prefeito de Muritiba Cel. Geraldino Pereira Almeida. Já na edição de 16 de maio de 1970, na matéria denominada *Tem fome de Jardim* (vide anexo B), de autoria de Artur Marques, há uma referência a Muritiba e outras cidades da região, as quais dispensam cuidados às flores, aos parques e às áreas verdes. Embora esta não seja uma referência direta à Praça de São Pedro, há uma coincidência do período da matéria com a gestão do Prefeito de Muritiba Baldoíno Dias Gonçalves da Silva, que compreendeu o período de 1967 a 1971, período este em que, segundo o que informaram os entrevistados - Paulo José de Jesus de Almeida Alves, Amábília Oliveira de Oliveira, Antonia Albergaria, Ana Maria Figueiredo Santana e Lícia Maria Barbosa Moreira - teria ocorrido a construção e urbanização da referida Praça.

#### 3.2. ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DOS QUESTIONÁRIOS DOS USUÁRIOS.

Nesta seção foram avaliadas as respostas dos 100 questionários aplicados na Praça de São Pedro. Será aqui evidenciado o perfil do usuário - idade, sexo, condição de morador ou não morador do entorno da Praça - como também serão elencadas as principais respostas a respeito da importância da Praça de São Pedro para a comunidade muritibana, além de outras perguntas contidas no questionário que enfatizam a relação dos usuários com a praça.

Esse questionário (vide apêndice A) foi aplicado durante todo o mês e dezembro de 2011 e janeiro de 2012, devido às férias escolares e início do verão, quando há maior concentração de usuários na praça. Foram aplicados 100 questionários, à pessoas de diversos níveis socio-culturais, assim como idade e sexo, para que dessa forma fosse evidenciado a relação da população de Muritiba com a praça de São Pedro como um todo. O número de questionários aplicados durante o período gerou apenas este número de questionários, devido aos usuários da praça todos os dias serem praticamente os mesmos: os que vão caminhar ou praticar outras atividades físicas pela manhã, os que vão levar os filhos para brincar no fim da tarde, e os que vão a noite se refrescar, contemplar e refletir.

O perfil das pessoas entrevistadas é o seguinte:

Quadro 1- Faixa etária dos entrevistados

<b>FAIXA ETÁRIA</b>	<b>QUANTIDADE</b>
até 10 anos	08
11 a 20 anos	24
21 a 30 anos	13
31 a 40 anos	19
41 a 50 anos	19
51 a 60 anos	03
Mais de 60 anos	14
TOTAL	100

Quadro 2- Sexo dos entrevistados

<b>SEXO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Masculino	54
Feminino	46
TOTAL	100

Quadro 3- Entrevistados moradores do entorno ou não.

<b>MORADOR DO ENTORNO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
Sim	16
Não	84
TOTAL	100

As questões seguintes são abertas, para proporcionar maior amplitude de respostas e liberdade de expressão aos usuários, o que ocasionou respostas variadas, inclusive várias alternativas na mesma resposta.

Perguntado aos usuários sobre para que finalidade frequentavam a praça de São Pedro, as respostas foram as seguintes: contemplação e reflexão, encontrar e conversar com os amigos, fazer amizades, praticar esportes, lazer, reunião de trabalho, passear, levar as crianças para brincar, brincar no parque infantil, brincar em outras áreas, respirar ar puro, observar o movimento da cidade, ficar a sombra das árvores, tomar a fresca, ouvir música, participar de festas, para vender produtos alimentícios, passagem, tirar documentos quando o SAC móvel está na praça. Da população pesquisada, observou-se que as três alternativas mais frequentes, embutidas na resposta de cada entrevistado, foram: o lazer, que estava embutido em 37 respostas; o encontro social, em 19 respostas; e “trazer as crianças para brincar”, em 17 respostas.

Conforme os entrevistados abaixo:

- O cidadão A.G., 34 anos, morador do entorno, respondeu que comparece à Praça São Pedro para relaxar, contemplar e levar as crianças para brincar.
- A cidadã C.P.S., com 14 anos, residente no Outeiro Redondo ( Município de São Felix) respondeu que comparece à Praça de São Pedro só uma vez por mês, por causa da distância, para brincar no parque.
- A cidadã J.M.D., 51 anos, residente à Rua do Tanque (não moradora do entorno), respondeu que vai à Praça de São Pedro para fazer caminhada, porque essa praça muito aconchegante.
- A cidadã P.A.S.S., com 8 anos, residente na Cidade de Cruz das Almas, respondeu que sempre que vem à Muritiba, comparece na Praça de São Pedro, para brincar no parque infantil, o qual gostaria que recuperado.
- O cidadão P.S.A., 30 anos, morador do entorno, respondeu que costuma comparecer à Praça de São Pedro para caminhar na vias de circulação e trazer a filha para brincar no parque infantil.

A respeito se o entrevistado usa algum equipamento na praça, a maioria respondeu que, além das vias de circulação, usam os bancos, o pátio para atividades físicas e o parque infantil. Esta pergunta rendeu menos variedade de respostas, devido ao número reduzido de equipamentos na Praça, ou seja, apenas alguns bancos e brinquedos do parque infantil. Dos bancos e brinquedos que existiam, alguns foram danificados e foram apenas retirados, sem reposição.

- A cidadã I.F.A.N., com 30 anos, residente à Rua Julio Dória, respondeu que comparece à Praça de São Pedro para praticar atividades físicas e usa o banco como apoio porque não há nenhum equipamento para essa finalidade.
- A cidadã I.N. , com 70 anos, residente à Rua do Tanque, ( não moradora do entorno), respondeu que comparece à praça de São Pedro para caminhar, usando só as vias de circulação, com a finalidade de ajudar no tratamento da sua saúde.
- A cidadã T.J.S.C., com 11 anos, residente à Rua Capitão Eufrosino, ( não moradora do entorno) respondeu que comparece à Praça para brincar, usando o parque infantil - embora quase não tenha mais brinquedos - o pátio e os bancos.
- A cidadã M.S. 23 anos, residente no estado de Pernambuco, respondeu que compareceu na Praça de São Pedro pela primeira vez, com a finalidade de tirar seus documentos face à presença do caminhão do SAC na Praça, tendo usado o banco enquanto esperava ser atendida.

Indagados, os usuários, a respeito se houvesse uma reforma na praça sobre qual equipamento gostaria que fosse instalado, responderam: uma fonte luminosa, pista de skate, uma cama elástica, equipamentos para atividade física, ampliação do parque infantil, aumentar o número de bancos, bancos de alvenaria, cameras de segurança, um tobogan, uma roda gigante, um chafariz, uma fonte luminosa, um coreto, quiosque, uma quadra poliesportiva, um campinho de futebol, uma área coberta para proteção contra a chuva, ampliação da iluminação, uma área para circulação exclusiva de bicicleta, uma rampa, melhorar a paisagem com mais árvores e árvores floridas. As sugestões mais frequentes foram: um parque infantil, embutido em 27 respostas; quiosque, em 24 respostas; plantar mais árvores, em 13 respostas.

Conforme os entrevistados abaixo:

- O cidadão P.R.M, 45 anos, residente á Rua do Lions Clube ( não morador do entorno) respondeu que gostaria que fossem instalados três quiosques
- O cidadão A.S.B., com 31 anos, residente à Rua Francisco Paraguai, respondeu que gostaria que fosse recuperado o parque infantil.
- O cidadão M.V., com 16 anos, residente à Rua Barão do Rio Branco, respondeu que gostaria que fosse instalada uma rampa.
- O cidadão E., com 23 anos, residente à Rua Danneman, respondeu que gostaria que fossem instalados equipamentos para atividades físicas.



- A cidadã M.S., com 46 anos, não moradora do entorno, respondeu que gostaria que fosse instalado um quiosque.

Perguntado aos usuários sobre o que gostaria que fosse preservado, foram obtidas as seguintes respostas: as árvores, o parque infantil, os bancos, a praça como um todo, o cruzeiro, iluminação, a grama, a pérgula, plantas e flores. As sugestões mais frequentes foram: as árvores, embutida em 80 respostas; a praça como um todo, em 24 respostas; o parque infantil, em 14 respostas.

Conforme os entrevistados abaixo:

- O cidadão A.M.J., com 23 anos, morador da cidade de Cruz das Almas, respondeu que comparece à Praça de São Pedro para o lazer e respirar ar puro e gostaria que as árvores, o cruzeiro e os bancos de alvenaria fossem preservados.

- O cidadão J.J.A.S., 60 anos, residente na Rua do Fórum, respondeu que comparece à Praça de São Pedro para contemplar, fazer caminhada e lazer ( passear de bicicleta). Gostaria que a Praça como um todo fosse preservada e restaurados os jardins.

- A cidadã S.S.S., com 85 anos, residente na Rua Dr. Zamehoff (entorno), respondeu que comparece à Praça para passear e gostaria que os jardins fossem recuperados e preservados os arvoredos.

- O cidadão E.U., com 17 anos, morador da Rua Durval Fraga ( não morador do entorno), respondeu que comparece à Praça para o esporte e o lazer. Já participou de campeonato de *skate* e gostaria que fosse recuperada a rampa e o parque infantil para as crianças.

Foi perguntado também aos usuários se já havia participado de alguma celebração ou evento na praça de São Pedro, sendo obtidas as seguintes respostas: Festa do Padroeiro São Pedro, encontro de motociclistas, encontro de filarmônicas, festas populares, feira de artesanato, samba de roda, missa campal, corais natalinos e presépio, aniversário da cidade, feira da saúde, festival de tortas, campeonato de skate, micaretas, blocos da lavagem do Bonfim. As sugestões mais frequentes foram: a Festa de São Pedro, que foi embutida em 67 respostas; o Encontro dos Motociclistas, em 50 respostas.

Conforme os entrevistados abaixo:

- A cidadã T.J.S.C., com onze anos, moradora da Rua Capitão Eufrosino, respondeu que comparece diariamente à Praça de São Pedro e já participou da Feira da Saúde, do Presépio de Natal e do Encontro de Motociclistas.

- O cidadão J.S., 33 anos, respondeu que comparece à Praça de São Pedro para se distrair e olhar a paisagem e participou de celebrações do Natal, apresentação de filarmônicas e a festa de São Pedro.

- A Sra I.M., com 43 anos, moradora do entorno, respondeu que costuma comparecer à Praça para passear, refletir, trazer as crianças para brincar e também participar de festas como: festa de São Pedro, quadrilhas, micaretas, gincanas, procissões, encontro dos motociclistas, feira da saúde e feira de artesanato.

- A cidadã N.N.T.M., com 73 anos, moradora do entorno, respondeu que comparece à Praça de São Pedro para pedalar, caminhar e contemplar, e já participou de feira de artesanato, apresentação de filarmônicas e festa do Padroeiro.

A última pergunta feita aos usuários da praça foi se consideram a praça de São Pedro um espaço importante para a comunidade muritibana, tendo todos respondido afirmativamente, com apenas uma exceção, sendo apresentadas as mais variadas justificativas: a praça é arejada, calma e não tem bagunça; a praça foi construída para o povo; importante para o lazer da comunidade; porque é a praça mais espaçosa; porque é uma praça histórica; por ser um espaço público; pela igreja; porque é a praça principal; porque é bonita; por causa do padroeiro; por ser lugar de encontro de crianças e até idosos; por causa da natureza; por causa das celebrações religiosas; porque é local de festas; porque pode praticar atividades físicas; porque é um lugar aconchegante; porque é seguro; porque é lugar de paz; porque é lugar de contemplação; porque é lugar de descanso; porque é o lugar da família; porque é um privilégio; porque é uma praça bem frequentada. As sugestões mais frequentes foram: o lazer, embutida em 49 respostas; encontro social, em 20 respostas; descanso, em 8 respostas. Houve uma única resposta negativa, cuja usuária, que mora na Rua do Tanque, justificou que é porque a Praça fica longe de tudo.

Conforme os entrevistados abaixo:

- O cidadão R.N.P., com 12 anos, morador do Manteiga, respondeu que comparece à Praça de São Pedro para conversar, brincar e considera a Praça importante porque é um espaço de lazer, é tranquila e não tem bagunça.
- A cidadã B.V.O.S., com 9 anos, moradora do entorno, respondeu que comparece à Praça de São Pedro para brincar e acha a Praça importante porque é o único lugar que se pode ficar sossegado.
- A cidadã C.O. com 43 anos, moradora do entorno, respondeu que comparece à Praça de São Pedro para tomar a fresquinha e trazer a criança para brincar e considera a Praça importante porque é um privilégio tê-la para o lazer.
- A cidadã R.J.S., respondeu que comparece à Praça de São Pedro para tomar a fresca e acha que a Praça é importante porque é histórica e arejada.

### 3.3. ANÁLISE QUALITATIVA DAS ENTREVISTAS

Foram realizadas 7 entrevistas, dirigidas a pessoas representativas da comunidade, que deram informações e cederam fotografias que permitiram conhecer alguns trechos da memória da Praça de São Pedro: a Sra Amábília Oliveira de Oliveira, Diretora e proprietária do Colégio São Luis, as Sras Antonia Albergaria, Professora aposentada, e Lícia Maria Barbosa Moreira, esta contadora, as duas primeiras moradoras do entorno há 54 anos, e a última moradora do entorno há 58 anos. O Professor Paulo José de Jesus de Almeida Alves, também Presidente da Filarmônica 5 de Março, e a Sra Ana Maria Figueiredo Santana, professora aposentada, esses não são moradores do entorno da Praça. Também foi realizada entrevista com o Pároco José Oliveira e o Sr. Luciano Santos Oliveira, encarregado da limpeza e iluminação da Cidade de Muritiba.

Nas entrevistas com as Sras Amábília Oliveira de Oliveira, Antonia Albergaria e Lícia Maria Barbosa Moreira, estas informaram que, quando as suas famílias foram morar no local, só havia um grande largo, sem pavimentação. Segundo a Sra Antonia Albergaria, o largo era usado como pasto e as algarobas foram plantadas porque também podiam servir de alimento para o gado.

Figura 09 – Largo da Matriz



FONTE: imagem cedida por Paulo José de Jesus Almeida Alves (s.d)

O Professor Paulo José de Jesus de Almeida Alves confirmou que havia o largo, sem calçamento, com algumas casas, em frente à Igreja de São Pedro, mas nessa época já ocorriam desfiles e festas.

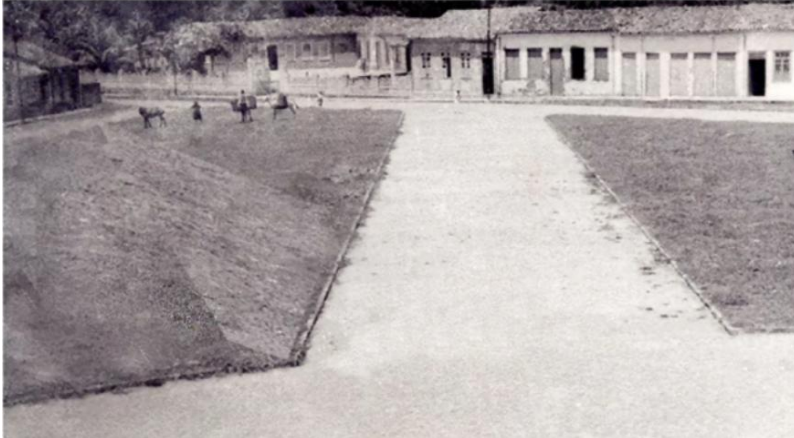
Figura 10 – Desfile no largo da Matriz



FONTE: foto cedida por Paulo José de Jesus Almeida Alves (s.d)

As Sra Amábíla informou que foi na administração do Prefeito Waldir Almeida (1955-1958), que a Praça foi calçada. Já a Sra Antonia Albergaria informou que foi na administração do Prefeito Cesar Leite, no período compreendido entre 1959 e 1963.

Figura 11 – Calçamento do Largo da Matriz



FONTE: imagem cedida por Paulo José de Jesus Almeida Alves (s.d)

Os Professores Paulo, Amábília, Antonia e Ana Maria e a Sra Lícia, todos afirmam que a praça ajardinada foi construída e urbanizada na administração do Prefeito Baldoíno Dias Gonçalves da Silva, cuja gestão ocorreu no período compreendido entre 1967 e 1971. Segundo esses entrevistados, a praça foi dotada de jardins floridos e chafariz, bancos em pedra e alvenaria, areia branca nas vias de circulação. Os bancos foram doados pelas famílias moradoras do entorno e proprietários de casas comerciais da Cidade, cujos nomes eram inscritos nos bancos que doavam, como forma de agradecimento. O poder público também providenciou a colocação de vigias para evitar depredação. A Praça de São Pedro ficou tão bonita que foi contemplada em uma das edições de uma revista de circulação nacional, à época – Manchete ou O Cruzeiro. Porém as administrações posteriores não cuidaram da praça, retirando o chafariz e os vigilantes, e a praça logo se deteriorou.

Figura 12 – Detalhe da Praça de São Pedro antes da reforma de 2005



FONTE: foto cedida por Antônia Albergaria (s.d)

Ainda segundo os entrevistados, no ano de 2005, na Administração do Prefeito Roque Luiz Dias dos Santos, em comemoração aos Trezentos anos da Paróquia de São Pedro, a Praça foi totalmente reformada, através de uma parceria entre os governos do Estado e do Município, a partir de um projeto contemporâneo, elaborado pela Companhia de Desenvolvimento Urbano da Bahia-CONDER, com a instalação do cruzeiro, parque infantil, espaço para atividades físicas, rampas de acesso para portadores de necessidades especiais, paisagismo. As antigas árvores – as algarobas - foram todas retiradas.

Figura 13 - Aspecto da Praça de São Pedro após a reforma de 2005



FONTE: autora (2008)

Segundo o que afirmaram as entrevistadas Amábíla, Antonia, e Lícia, no projeto original, também foi sugerida a instalação de três quiosques, porém, os moradores do entorno se mobilizaram e foram até ao Prefeito, a quem solicitaram a não instalação dos quiosques, uma vez que estes equipamentos, a exemplo da Praça Getúlio Vargas, atrairiam usuários de bebidas alcólicas e veículos com potentes equipamentos de som, o que tiraria a paz da praça e dos moradores do entorno. Embora nas festas populares sejam montados equipamentos de som, os moradores se conformam porque são eventos esporádicos, com tempo determinado para acabar. A comunidade do entorno solicitou que, no lugar dos três quiosques, fossem instaladas três pérgulas, sendo atendidos. O cruzeiro também foi instalado por solicitação do Pároco José Oliveira.

Figura 14 - Uma das pérgulas da Praça de São Pedro



FONTE: autora (2011)

A respeito das antigas árvores - as algarobas - os entrevistados Paulo José, Amábíla, Lícia e Antonia, mencionaram que a comunidade foi convidada pelo Prefeito Roque para opinar a respeito da retirada dessas árvores, tendo a maioria concordado - com o compromisso de que fossem repostas - porque as antigas árvores estavam ameaçadas de cair, uma vez que tinham raiz superficial e estavam assoladas por cupins. Os cupins já estavam prejudicando as casas dos moradores do entorno.

No entanto, tanto a entrevistada Amábíla, como alguns moradores do entorno, que responderam ao questionário, mencionaram que havia outras árvores, como ipês floridos e outras árvores mais raras, as quais ainda estavam sadias, e que foram indiscriminadamente retiradas, resultando que todas as antigas árvores foram retiradas na reforma da Praça de São Pedro, em 2005.

Figura 15 – Ausência das árvores antigas



FONTE: autora (2008)

Segundo o que também informaram os entrevistados, algumas mudas foram plantadas pelo poder público, de acordo com o projeto de reforma, porém os moradores do entorno também plantaram outras mudas. A Sra Amábíla afirmou que, com sua família, plantou três mudas: um pau-brasil, um ipê amarelo, e outra que não se recordava o nome. Disse também que, juntamente como os netos e alunos do Colégio São Luis, cuidou das mudas para que pudessem crescer e se transformassem em árvores para enfeitar e dar sombra.

Figura 16 – Árvores plantadas pela família de Amábíla



FONTE: autora (2008)

A Sra Antonia disse que sua família também plantou três mudas de árvores e um dos seus irmãos vinha de Cachoeira, todos os dias, para regá-las. Alguns vizinhos também plantavam mudas e as regavam diariamente. Uma das árvores mais frondosas da Praça foi um vizinho quem plantou.

Figura 17 – Árvores plantadas pela família de Antônia Albergaria e vizinhos



FONTE: autora (2011)



A Sra Lícia também afirmou que sua família também plantou mudas de subaúma e pau-brasil. A entrevistada considera a Praça de São Pedro importante para sua comunidade, pois é uma praça eminentemente religiosa e muito frequentada por idosos e crianças. Informa que também já participou de celebrações religiosas – corais natalinos, missa campal – e eventos como encontros de motociclistas. Atualmente está muito abandonada, o poder público e a comunidade não conservam as plantas nem o gramado e não há fiscalização para evitar a depredação.

Figura 18 – Estado atual da Praça de São Pedro



FONTE: autora (2011)

O Professor Paulo informa que passa diariamente pela Praça (só de passagem) mas participa, juntamente com a Filarmônica 5 de Março, de várias festas cívicas, celebrações religiosas e eventos, a exemplo de: Festas do Padroeiro da Cidade, os 25 anos de sacerdócio do Padre José; Trezentos anos da Paróquia de São Pedro e Projeto Domingueiras, ambos no ano de 2005; os encontros de motociclistas, todos os anos no mês de janeiro. Gostaria que fossem instalados quiosques e considera que a praça é importante para a convivência, lazer e respirar ar puro, por isso acha que as árvores deveriam ser preservadas.

Figura 19 – Vinte e cinco anos do sacerdócio do Pe. José de Oliveira na Praça de São Pedro



FONTE: foto cedida por Paulo José de Jesus Almeida Alves (s.d)

A Professora Amábíla disse também que frequenta a Praça para passear e levar os netos para brincar e cuidar das árvores que sua família plantou. Participa de celebrações e festas religiosas como: missas campais, crisma, festa do Padroeiro, corais natalinos e presépios. E também de eventos como: apresentação de filarmônicas, feiras de artesanato. Considera a Praça de São Pedro muito importante para a comunidade, para o lazer, atividades físicas para a saúde, para o meio ambiente e a qualidade de vida. Mas acha que seria importante ampliar o parque infantil, inclusive, repondo os brinquedos que foram quebrados e retirados, melhorar a iluminação das vias de circulação, colocar plantas ornamentais, proteção para as árvores, limpeza e conservação da praça, além de vigias para evitar a depredação.

Figura 20 – Crisma na Praça de São Pedro



FONTE: Foto cedida por Paulo José de Jesus Almeida Alves (s.d.)

Figura 21 – Detalhe do parque infantil na atualidade



FONTE: autora (2011)

A Professora Antonia também disse que frequenta a Praça para caminhar e participar de eventos como o encontro de motocilistas, que é organizado por um dos seus irmãos. Na antiga Praça, com os alunos da escola onde ensinava, organizou gincanas e desfiles infantis. Disse ainda que considera a Praça de São Pedro como um presente e que tem um irmão, que mora no Estado do Piauí, o qual, quando vem passar as férias todos os anos, adora sentar á porta, só para ficar apreciando a Praça. Mas considera que a Praça de São Pedro precisa de melhor conservação e ampliação da iluminação para as vias de circulação e área dos bancos, reposição das plantas ornamentais e flores, além de vigilância para evitar a depredação.

Figura 22 – Desfile escolar na Praça de São Pedro



FONTE: Foto cedida por Antônia Albergaria (s.d)

Figura 23 – Encontro dos Motociclistas



FONTE: foto cedida por Antônia Albergaria (s.d)

A Professora Ana Maria informa que costuma ir à Praça de São Pedro para passear, levar os netos para brincar e também participar de celebrações, como a Festa do Padroeiro e o Encontro dos Motociclistas. Considera a Praça bonita mas precisa de conservação e seria muito bom se uma administração continuasse o trabalho da outra.

Figura 24 – Estado atual da Praça de São Pedro



FONTE: autora (2011)

Considerando o que foi relatado, observou-se que os entrevistados e usuários da Praça de São Pedro lhes atribuem valor pela oportunidade de lazer, de atividades físicas, descanso, reflexão, tranquilidade, e beleza, proporcionados pelo amplo espaço, pelos equipamentos (ainda que precários) e pelo patrimônio natural, composto pelas suas inúmeras árvores, incluindo também as celebrações religiosas e outras festas eventuais.

Verificou-se também que, entre os questionários aplicados, embora tenha havido 24 sugestões para instalação de quiosques, as mesmas partiram, na sua maioria, de não moradores do entorno e como sugestão única, não acompanhada de outras sugestões para a instalação de outros equipamentos. Os 76 usuários restantes, que responderam ao questionário, entre moradores e não moradores, fizeram, cada um, várias sugestões de equipamentos para serem instalados, mas nenhum incluiu os quiosques.

Com relação às entrevistas, das cinco pessoas da comunidade que foram entrevistadas, quatro repudiaram a instalação de quiosques. Apenas um dos entrevistados, não morador do entorno, opinou a favor dos quiosques. Ainda foi verificado que os entrevistados, moradores do entorno, têm não somente uma relação de usuário com a Praça de São Pedro, mas também uma relação de amor e intimidade, cuidando da Praça como se ela fosse uma extensão da própria casa.

Na entrevista com Pe José Oliveira, este disse que se encontra à frente da Paróquia de São Pedro há 37 anos, isto é, desde 1974, quando já existia a Praça de São Pedro, com os jardins e muitas árvores. O entrevistado afirma que fez muitas celebrações na Praça: missas campais, crisma, primeira comunhão.

Figura 25 Celebração religiosa na Praça de São Pedro



Fonte: Pe. José de Oliveira (s.d.)

Figura 26 Detalhe de celebração religiosa na Praça de São Pedro



FONTE: Pe. José de Oliveira (s.d)

Figura 27 Primeira comunhão na Praça de São Pedro



FONTE: Pe. José de Oliveira (s.d)

No ano de de 2005, por ocasião dos festejos dos trezentos anos da Paróquia e dos 30 anos do seu sacerdócio, houve a solicitação para a restauração da Praça. Pelo projeto original da reforma, seriam instalado três quiosques na Praça e um desses quiosques seria colocado justamente no local onde se encontra o cruzeiro. Mas houve a mobilização da comunidade, no sentido de impedir a instalação dos quiosques, sendo, em substituição, instalada as pérgulas, e o entrevistado pediu que fosse erguido o cruzeiro no grande jardim em frente à Igreja. O entrevistado também utiliza a Praça de São Pedro para fazer caminhadas, com finalidade à saúde.

Figura 28 – Cruzeiro da Praça de São Pedro



FONTE: autora (2011)

Na entrevista com o Sr. Luciano Santos Oliveira, responsável pela limpeza e iluminação pública da Cidade de Muritiba, o mesmo esclareceu que não há um Secretário de Obras e Urbanismo. O que há são os encarregados nas diversas áreas, sendo o entrevistado responsável pela limpeza e iluminação pública. Informou que o encarregado das obras da Cidade de Muritiba é o Sr. Nelson.

O entrevistado afirma que a limpeza das vias de circulação e espaços públicos de Muritiba é feita duas vezes ao dia, uma pela manhã e uma pela tarde. Cada gari é designado para um roteiro, de acordo com as ruas da Cidade. Na Praça de São Pedro, a mesma coisa, cada gari segue varrendo limpando o seu roteiro, de acordo com a rua pela qual é responsável e, ao chegar à Praça, continua seguindo e limpando na mesma direção. Como a Praça de São Pedro fica situada entre o cruzamento de várias ruas, cada gari responsável pela limpeza dessas ruas também fica responsável pela limpeza de uma porção da praça. O lixo recolhido é colocado em sacos próprios para serem recolhidos no caminhão que passa na cidade toda. O

entrevistado disse que também dispõe de uma equipe para capinar os matinhos que nascem ao longo do meio fio das calçadas.

A coleta domiciliar, ou seja, do lixo doméstico, é feita de segunda a sábado. Quanto ao lixo resultante das podas, capinagens dos jardins e quintais das residências, como também os entulhos, tudo é recolhido imediatamente, sem que seja necessário o cidadão solicitar. Acrescentou que também costuma fazer rondas, à noite, para verificar onde é preciso executar algum serviço ou reparo na iluminação pública. Também atendem aos pedidos feitos diretamente por pessoas da comunidade, mediante o comparecimento pessoal na Prefeitura ou através da rádio local.

Quanto ao Sr. Nelson, encarregado de obras, foi tentado o contato, tanto na Prefeitura, como através do seu telefone celular, mas não foi possível marcar a entrevista.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Praça de São Pedro, conforme o que foi constatado na pesquisa realizada, como a maioria das praças brasileiras do período colonial, surgiu como um grande largo em frente ao principal templo da Cidade, a Igreja de São Pedro. Como no antigo ágora, foi o lugar onde a sociedade muritibana se moveu e se expressou, até à construção, no período compreendido entre 1967 e 1971, da praça como equipamento urbano, sob inspiração das praças européias do século XIX, com a instalação de jardins floridos e fonte.

Verificou-se também que, quando foi objeto de uma grande reforma, no ano de 2005, foi totalmente descaracterizada do seu formato original, nada tendo restado da praça antiga, a não ser o grande largo, remanescente do período colonial, em frente à Igreja Matriz, onde foi construída uma nova praça, obedecendo a um projeto com novo *design*, com a instalação de novos equipamentos, conforme as exigências da sociedade atual.

Aferiu-se, ainda, que a Praça de São Pedro também, como todas as instituições, tem sido objeto das relações de poder: políticos ou religiosos; interesses econômicos; conflitos decorrentes da convivência simultânea de diferentes gerações, modos de pensar e de se manifestar. Mas, ao longo de sua existência, resistindo ao movimento dessas forças, em razão mesmo dos valores lhe são atribuídos pelos representantes das diversas instâncias do poder, a Praça de São Pedro vem cumprindo todas as funções que caracterizaram a praça em sua evolução histórica: lugar do encontro social, da palavra, objeto e lugar do debate das idéias, dos jogos, danças, trocas, celebrações religiosas e cívicas; incluindo, na atualidade, a função de ser espaço projetado para atividades destinadas à saúde, educação e lazer, que não somente constituem novas formas de manifestação cultural, como também direitos sociais previstos na Legislação Pátria para o exercício da cidadania.

Constatou-se, também, que a arborização da Praça de São Pedro valoriza a paisagem urbana, enriquecendo a sua estética, tornando-a mais atraente e adequada às diversas formas de manifestação da comunidade: contemplação, descanso, reflexão, como também o lazer. Assim, vem contribuindo para a qualidade de vida dos cidadãos e o meio ambiente.

Verificou-se ainda que, conforme foi eleita, a Praça de São Pedro é monumento da Cidade de Muritiba, pela relevância que tem para a sua comunidade, que lhe atribui valores e a tem como cenário de celebração da sua memória, constituindo-a em patrimônio, este que se transforma em herança, vindo a contribuir para a construção da identidade da sua população. A Praça de São Pedro, como outros espaços públicos, sendo reflexo da mentalidade da época, foi sendo apropriada e adaptada a novos usos, guardando singularidades histórico-culturais, constituindo-se, também, em documento que conta a história da Cidade e da sociedade muritibana.

O estudo da Praça de São Pedro através da avaliação de público, por meio da observação, entrevistas, questionários, trouxe a voz da comunidade muritibana e permitiu conhecer o perfil, os conhecimentos e as necessidades daqueles que, na sua relação com a Praça, lhe atribuem os valores que a constituem como patrimônio da Cidade.

Como o profissional da Museologia deve trabalhar na perspectiva da preservação, este trabalho também teve a pretensão de despertar a consciência do cidadão, da comunidade em geral e do poder público muritibano, no sentido de que cabe a todos preservar a Praça de São Pedro e divulgar esse espaço público de encontro, de sociabilidade, espontaneidade e gratuidade, para conhecimento e usufruto das presentes e futuras gerações.

Segundo Vera Lins, no seu artigo *Cidade e Memória: um crítico de arte nas ruas da Rio*, Sitte “lutava por praças e por um espaço urbano como representação espacial de pensamento e poesia”. Conforme observa o próprio Sitte (1992, p.14)

Demorar-se! Caso pudéssemos fazê-lo mais amiúde nesta ou naquela praça, cuja beleza não nos cansamos de admirar, decerto suportaríamos com o coração mais leve os momentos difíceis, e seguiríamos fortalecidos na eterna peleja da vida.

## REFERÊNCIAS

ABIKO, A. K.; ALMEIDA, M. A. P.; BARREIROS, M. A. F.. **Urbanismo: história e desenvolvimento**. São Paulo EPUSP, 1995.

ALMEIDA, Adriana Mortara. **O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte**. São Paulo: UNICAMP, 2005

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e memória/ gilmar arruda**. BAURU, SP: EDUSC, 2000. 256 ( coleção história)

BITTENCOURT, Luciana Aguiar: **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. IN FELDMAN-BIANCO, B. e MOREIRA LEITE, M. Desafios da Imagem – fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais. Papyrus Ed. Campinas, 1998. (ps. 197-212).

BRASIL.CONSTITUIÇÃO FERDERAL.

BRASIL. ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE : LEI 8069/90.

BRASIL. ESTATUTO DO IDOSO: LEI10.741/2003

BRUNO, Cristina. **“Principais campos da ação museológica”**. Seminário CCBB, 2004.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade:UNESP, 2006.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

CURY, Marília Xavier. **EXPOSIÇÃO: concepção, montagem e exposição**. São Paulo: Annablume, 2005.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Escolar Latino Português**: Rio de Janeiro. MEC 1962.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba:Positivo, 2009.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em Processo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GOITIA, Fernando Chueca. **Breve História del Urbanismo**. Madrid: Alianza Editorial, 1970.

GOMES, Marcos Antonio Silvestre. **De largo a jardim: praças públicas no Brasil – algumas aproximações**. Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia, vol

5 No (2007)Disponível em:  
[www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/viewArticle/967](http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/viewArticle/967)

INVENTÁRIO NACIONAL DE BENS MÓVEIS E INTEGRADOS. **Igreja Matriz de São Pedro**, Vol 38. Ministério da Cultura- MIC. Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional- IPHAN. 7ª Coordenação Regional Apoio Fundação VITAE

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

LE GOFF Jaques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2006.

LINS, Vera. **Cidade e memória: um crítico de arte nas ruas do Rio**. Disponível em  
[www.casaruibarbosa.gov.br/.../FCRB](http://www.casaruibarbosa.gov.br/.../FCRB)

LUCA, Tânia Regina. **A história dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). São Paulo: Fontes Históricas, 2005.

MARQUES, Cristiane Silva. **Documentação dos Monumentos Históricos de Muritiba-Ba**. 2010. 83 f Monografia ( Graduação em Museologia) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2010.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público**. Disponível em:

[bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/.../1206](http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/.../1206)

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

NORA, Pierre. **Entre a memória e a história – os lugares de memória**. Tradução Patrícia Farias. Traduzido do original francês publicado in: Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, vol 1 ( La Republique), 1984.

OLIVEIRA, Flávia de Paiva de Medeiros. **Direito, Meio Ambiente e Cidadania: Uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo, Madras, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, Memória e Centralidade Urbana**. Nuevos Mundos Nuevos, Debates, 2007. Disponível em <http://nuevomundo.revue.org/3212>.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação ambiental**. São Paulo: São Paulo, 2009.

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia Aplicada em Museus**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do patrimônio cultural em cidades**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

Site da Cidade de Muritiba. Disponível em: <http://www.muritiba.gov.br>

SITTE, Camillo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos.** São Paulo: Editora Ática S.A., 1992.

VÍTOR, Isabel. **A qualidade em museus.**In: **Os museus e a qualidade - distinguir entre os museus com qualidade e qualidade em museus.** Dissertação de mestrado apresentado à Universidade Lusofoma, Lisboa, 2005.

# APÊNDICES

**APÊNDICES A – Modelo de Questionário aplicado ao usuário****UFRB**

Curso : Museologia 8º semestre

Monografia: A Praça de São Pedro de Muritiba: um estudo através da avaliação de público

Orientadora – Cristina Ferreira

Discente Vera Lucia Oliveira

**Questionário de consulta aos usuários**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Costuma freqüentar a Praça de São Pedro?

Entorno: Morador ( ) Não Morador ( )

Para que finalidade? \_\_\_\_\_

Usa algum equipamento da Praça? \_\_\_\_\_

Se houvesse uma reforma, qual o equipamento que gostaria que fosse instalado?

\_\_\_\_\_

E qual o equipamento que gostaria que fosse preservado?

\_\_\_\_\_

Se já participou de algum evento ou celebração na Praça de São Pedro?

\_\_\_\_\_

Se considera a Praça de São Pedro um espaço importante pra a comunidade muritibana?

\_\_\_\_\_

# **ANEXOS**



ANEXO A – *Jornal Correio de São Félix*, nota da Festa de Nossa Senhora das Graças em Muritiba, edição de de 06 de dezembro de 1952

**Festa de N. S. das Graças**  
**EM MURITIBA**

No ultimo domingo, 30 de novembro, realizou-se na vizinha cidade de Muritiba, imponente festividade em louvor á Nossa Senhora das Graças, com a chegada, ali de formosa imagem, que será reverenciada em um dos alares da secular matriz de São Pedro, padroeiro daquela Freguesia.

A solenidade, patrocinada pelo vigário local teve inicio com a vinda da effigie do Senhor do Bomfim a esta cidade de S. Félix, para aqui acompanhar a Santíssima Virgem até a Matriz de Muritiba.

O acompanhamento foi muito corrido e contou com a presença de inumeras autoridades daquelle Termo, inclusive o seu Prefeito e o Pretor.

Pode-se calcular aproximadamente, em quatro mil pessoas, a multidão que na praça Clementino Fraga e no largo da Matriz, assistiu aos discursos do Cel. Generalino Pereira Almeida, Prefeito Municipal, e Bel. Flavio M. S. S. Pretor do Termo.

Ao terminar, agradecendo ao povo, falou o Vigário, cujo agradecimento se fez extensivo ás autoridades presentes e ao Presidente geral das festividades, Dr. Valdir Almeida, que tambem discursou, erigendo louvores á Virgem, na Praça Clementino Fraga.

**SINE**  
**MENTO**  
abalhadores ba.

novos eleitos, se-  
a homenagem a  
elção, Padroeira  
ção.  
cebidas

nan **A**

los seus membros,  
ação não haja nu-  
ar a vantagem da  
via insidiado o ano  
s, está por conta  
a entrada da Flo-  
ntrol, repara ou  
uas, e os accidentes  
emitida no prime  
serviço d'agua ou  
abertas,  
responsabilidade  
nomento nem repa

ANEXO B – Jornal Correio de São Félix, matéria intitulada *Tem fome de jardim*, da autoria de Artur Marques, edição de 16 de maio de 1970

Biblioteca Municipal, Associação Atletica e Cultural, havendo para esta última já um bom estoque de livros.

# Tem fome de jardim

Artur Marques  
Cachoeira — Bahia

(16/5/1970) — Um amigo de muitas plagas, por suas convicções filosóficas mostra logo à primeira vista, não ser indiferente à terra e ao melo em que vive acolhendo o bem. — revelando seu todo, o aprumo de um homem capaz e digno, — em conversa informal, numa reunião que o espirito sobrepuja a matéria. lamentava com muito gozo; que esta velha Cachoeira é uma cidade sem jardim.

Ele discorrendo sobre o cuidado que outras cidades dispensam às flores, aos parques e as áreas verdes, confrontou algumas praças da nossa urbs colonial, com outras, por ele conhecidas, em seu peregrinar por força do ofício.

Concordel em genero, número de caso com o amigo, sentindo intimamente que tal assunto fosse ferido e lembrado, porque o problema existe e contra fatos não há argumentos. Eu então, lembrei-me de Feira de Santana — a progressista Princesa do sertão; de Muritiba, de Conceição da Feira, cidades nossas vizinhas; de Cruz das Almas, São Gonçalo, Castro Alves, Conceição do Almeida não muito distantes.

Todas estas cidades têm praças ajardinadas, lembrando o facto que o seu povo tem para com as flores que embelezam e dão vida e gozizam o ambiente, além de dar sombra que socorre o munícipe da canícula impenitente.

Não me reportarei aos jardins da "Cidade Maravilhosa" daquela cidade única, no mundo, cuja beleza, rivaliza com a natureza em festa. Não quero lembrar-me do "Aterro da Glória" com seus bosques que encantam e atraem os cariocas e visitantes. Deixo cair no esquecimento, o belo jardim da "Praça da Piedade" em Salvador. Quero lembrar-me apenas do famoso jardim da cidade de Santos, lá em São Paulo, em cuja extensão de quilômetros e grande largura, vicejam flores, grama e arvoredos de pequeno porte, que dão à praça do Anhangabaú, aquele aspecto invulgar

que embevece quem por lá debramar a vista sobre tanta arte em matéria de jardim, exaltada pelo rigoroso asseio e pelo cuidado que todos têm em não prejudicar o trabalho da Prefeitura santista.

As crianças não pisam na grama nem tão pouco tiram uma flor. A educação da petizada, se revela no respeito que ela tem pelo jardim que é digno de ser apreciado em toda a sua extensão, porque é belo e atraente.

Volviendo à nossa Cachoeira, vemos que ela padece e tem fome de jardim e espera que em breve tenha também o seu, em plena exuberância, para deleite e encanto da população de uma cidade histórica e cidade monumento, e que por estes títulos, não prescinda de ter as suas flores embalsamando o ar, com o perfume das suas rosas, dos seus cravos e dos seus jasmíns.

## Notícias de Queimadas

Chegou domingo último 3 do corrente, procedente de Queimadas, o Vereador daquele município Manoel Donato dos Santos onde participou da eleição da Câmara, que ficou assim constituída: Abelardo Borges Presidente, Pedro Alexandrino — 1º Secretário, Joel Amâncio — Vice-Presidente, Arlindo Ribello — 2º Secretário.

Saltentou ainda o Vereador da sua satisfação pela formação da Mesa.

Esclareceu ainda que por determinação do Sr. Governador do Estado Dr. Lulz Viana Filho foi criada uma Cooperativa Sisaleira naquela região instalada no ultimo sábado, dia 2 do corrente, data em que reuniram-se no R E C R E I O CLUB daquela cidade, os Diretores e Secretários vindo de Salvador autorizado pelo Exmº Sr. Governador para submeter a eleição dos dirigentes da referida Cooperativa, que estiveram presentes ao ato grandes figuras de destaque, altos comerciantes daquela cidade, e de Santa Luz, Dr. Reinaldo Vicente de Sales, Dr. Edson Sales, Dr. Manoel Donato dos Santos, Vereadores, Deputado Federal Dr. Antônio Nonato Marques, Deputado Estadual Leonardo Marques, Dr. José Santana, Dr. Edson da Silva, Srs. Analdino Brito, Francisco Ro-

drigues, Ivo Suzart, Everaldo Sales, João Ferrelira da Cruz, Ranusio Batista de Araujo, Daniel Marques, Daniel Bezerra, José Marques, José Pompeu de Araujo, Deraldo Dias, João Edson Sales, Antenor Matos e demais autoridades produtores de Sisal Exportadores e &, etc. procedida a eleição obtivemos o seguinte resultado: Deraldo Dias — Presidente João Edson Sales — Vive-Presidente, Analdino Brito — Secretário, João Graciliano de Queiroz Daniel Bezerra, Antenor Matos, Ivo Suzart Conselheiros.

Nos informou ainda o Vereador, que toda Cidade ainda comemora com muita alegria, festa Missa-banquetes, pela indicação do Gal. Médici do nome de Antônio Carlos Magalhães para Governador do nosso Estado. Disse ainda da sua alegria também porque por seu intermédio e do Vereador Abelardo Borges, Antônio Carlos já estava ligado a Queimadas há muito tempo, inclusive aquela Cidade através da Câmara de Vereadores, lhe deu o título de Cidadão QUEIMADENSE. Quarta feira próxima passada, houve grande movimentação na Câmara comparecendo ali quase toda a população para ouvir em retransmissão uma mensagem gravada para o povo de Queimadas, dirigida pelo illustre Deputado Federal Antônio Carlos Magalhães indicado para o Governo da Bahia.

estio devastador.

### CENTENARIO DA LIKA

CECILIANA de Cachoeira, recebendo ampla festividade com sessão solene, Te-Deum e passeata, comparecendo ilustres figuras públicas, como o prof. Antônio Carlos Onofre da Silva, da Secretaria de Educação e Cultura, drs. Antonio Loureiro de Souza, Valdemar de Assis Menezes, que foram oradores falando ainda, o dr. Artur Marques, Hugo Rocha, Osvaldo Araujo, Egberto Melo, Antenor Tosta e muitos outros durante a sessão.

### Paróquia de São Felix

MES DE MAIO

Novenário da semana de 18 a 24 de maio de 1970:

- 18 I. Pedreira, A. Sacramento, O. Quilroz
- 19 Zilda Brito, Adalgisa Goes, Helena Barboza
- 20 Eduardo José Macedo, Anderson Reis
- 21 Inácio Cerqueira, Raimundo Luz, Vicente Araujo
- 22 Haldé Costa; Zulmira Guimarães e família
- 23 Manoel Nonato Borges
- 24 Walter Conceição, Astrogildo Carqueira